



Transgênicos em Debate

Editorial

“I have a dream” é a frase com a qual, no dia 28 de agosto de 1963, Martin Luther King iniciou o histórico discurso, manifestando o desejo de uma sociedade livre de discriminações. Na semana dos 40 anos deste histórico discurso, o IHU On-Line debate um tema polêmico em todo o mundo, no Brasil e, especialmente, no Rio Grande do Sul. Fiéis aos objetivos do boletim, nos esforçamos em tratar o tema de maneira multidisciplinar. Francisco Roberto Caporal, agrônomo, doutor em agroecologia, trabalhando em S. Maria, a Profª. Drª. Maria Helena Zanettini, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS – e as nossas colegas Janice da Silva, coordenadora do Curso de Engenharia de Alimentos na Unisinos e Neila Sílvia Pereira dos Santos Richards, professora no curso de Engenharia de Alimentos do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos discutem, a partir de pontos de vista distintos e sob aspectos diferentes o tema dos Organismos Geneticamente Modificados. Mas também quisemos trazer para o debate a sabedoria que se expressa na mística. O teólogo e

monge beneditino Marcelo Barros e o jesuíta Roland J. Lessep, de Lusaka, Zâmbia, apresentam elementos pertinentes que enriquecem a reflexão.

Quando estávamos preparando esta edição, recebemos o último número do *Promotio Iustitiae*, boletim que dedica todo um dossiê sobre os OGM e é uma publicação do Secretariado para a Justiça Social da Companhia de Jesus, editado em italiano, espanhol, francês e inglês. Dele sintetizamos os relatos dos jesuítas que atuam em dois centros de pesquisa no Zâmbia. A posição pública tomada por eles teve ampla repercussão internacional. Tornar conhecida esta tomada de posição ousada e corajosa, pouco conhecida no Brasil, contribui na discussão do tema dos cultivos transgênicos.

Este número também conta com o testemunho do Ministro da Educação do Timor Leste, durante o período de transição para a independência, sob a coordenação de Sérgio Vieira de Mello. O padre jesuíta, amigo da nossa Universidade e do IHU, Filomeno Jacob, gentil e prontamente, atendeu ao nosso convite e nos concedeu o depoimento que publicamos neste número.

“Eu tenho um sonho” – dizia Martin Luther King, há 40 anos.

Também nós temos um sonho: um sonho de que todas as pessoas e todas as criaturas, desta e das futuras gerações, possam viver bem e seguras nesta nossa casa que é a terra.

Uma boa leitura e uma ótima semana!

AMBIENTE, SAÚDE E O PRINCÍPIO DE PRECAUÇÃO

Entrevista com Francisco Caporal

IHU On-Line conversou com Francisco Roberto Caporal, Doutor em “Agroecologia, Campesinado, e Historia” pela Universidade de Córdoba, Espanha, com a tese intitulada *A Extensão Agrária do Setor Público diante dos desafios do desenvolvimento sustentável: o caso de Rio Grande do Sul*. O Agrônomo é Coordenador Geral da Revista **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável** da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão, Escritório Regional de Santa Maria, Esreg Santa Maria - Emater/RS.

IHU On-Line- Quem se beneficia e quem se prejudica com a produção de OGMs?

Francisco Caporal- Com a primeira geração de plantas geneticamente modificadas beneficiam-se os setores industriais detentores das patentes das sementes geneticamente modificadas e o setor da indústria de herbicidas, no caso das plantas resistentes ao glifosato, por exemplo. No caso do milho e do algodão Bt (*Bacillus thuringiensis*)(¹), os benefícios são também para as indústrias que vendem as sementes.

Perdem os agricultores, pois terão custos mais elevados no médio prazo. Ademais, terão que pagar *royalties* e ainda ficarão na dependência de grandes grupos transnacionais.

Perde a sociedade, pois teremos, seguramente, impactos ambientais e outros ainda desconhecidos.

IHU On-Line- O que significaria, na prática, hoje, o princípio de precaução?

¹ O Bt ou *Bacillus thuringiensis*, é uma bactéria encontrada naturalmente em determinados insetos e, principalmente, no solo. Este microrganismo, que possui diversas linhagens, é de grande interesse para a agricultura pois produz uma toxina com efeito inseticida.

Francisco Caporal- Significa colocar, em primeiro lugar, o direito à saúde e à proteção ambiental. Se há probabilidade de riscos à saúde e/ou ao meio ambiente, ou se ainda não conhecemos sobre as possibilidades de eventuais danos, temos que adotar medidas preventivas, isto é, a sociedade tem direito de exigir que o Estado proíba tudo aquilo que possa vir a trazer problemas no futuro. Como diz o direito ambiental: se não há certeza de que não ocorrerão danos, deve adotar-se o princípio da precaução e se há certeza de que não ocorrerão danos, esta certeza deve ser demonstrada. E isso ainda não ocorreu para o caso da soja transgênica. Só há discurso de “cientistas” que, ao final, defende a técnica da transgenia, como se a técnica fosse a mesma coisa que a aplicação ou uso dos seus resultados.

IHU On-Line- O que se sabe, com certeza, em relação aos prejuízos para a saúde humana no consumo dos transgênicos?

Francisco Caporal- Sabe-se, por exemplo, que há registros de casos de alergias. Mas o problema é que onde o povo vem comendo alimentos derivados de plantas OGMs, como nos USA, não há obrigatoriedade de rotulagem, logo, é impossível saber-se se há problemas de saúde causados pela ingestão. Deste modo, quando se alega que lá estão comendo OGMs e não causa problemas é apenas uma forma ideológica de mascarar o debate. Só para comparar: veja-se o que ocorre aqui e em todo o mundo com respeito aos agrotóxicos. As pessoas morrem de câncer no seio, na próstata, e de outras doenças e no atestado de óbito nunca aparece intoxicação por agrotóxico como *causa mortis*, embora as pesquisas demonstrem a relação. O mesmo ocorre no caso de crianças que nascem com má formações congênitas. Nunca vemos anunciar que pode dever-se à exposição da mãe aos venenos.

IHU On-Line- E do meio ambiente? De que maneira os transgênicos podem provocar desequilíbrios ambientais?

Francisco Caporal- No caso do milho, por exemplo, pelo tipo de fecundação, podemos ter a contaminação de todo o nosso milho e a perda irreversível da diversidade. Inclusive podemos destruir o germoplasma no seu centro de origem, no México, colocando em risco o futuro deste cultivo. Também no caso dos Bts, certamente ocorrerá desequilíbrio nas populações dos insetos que querem controlar, etc.. Já há registros de contaminações incontroladas e incontroláveis quando foi liberado o milho Starlink⁽²⁾, com prejuízos muito sérios. Há muitas informações sobre isso. No caso da soja, já há muitos registros de surgimento de plantas invasoras resistentes ao glifosato (exigindo aumento da dosagem do herbicida) e também há registros do aparecimento de outras plantas que passam se tornar invasoras, quando antes não eram. Obviamente isso resulta em mudanças ambientais importantes e é, ao mesmo, tempo resultado deste pacote tecnológico dos OGMs.

IHU On-Line- Até onde chegou a multiplicação de sementes transgênicas ilegais no RS e quais as conseqüências desse fato?

Francisco Caporal- Não é possível saber até onde chegou. Como o plantio é ilegal e os que plantam estão fora da lei, esta informação não existe. Sabe-se que é bastante, mas não quanto está sendo plantado.

². – Starlink possui um gene de bactéria que produz proteína capaz de combater pragas que atacam o milho.

IHU On-Line- Há quem diga que os transgênicos resolveriam o problema da fome....A ambientalista Vandana Shiva, quando participou do Simpósio Internacional *Água: Bem Público Universal*, convidada pela Unisinos⁽³⁾, disse no Brasil: "para fome zero, transgênicos zero", o que o Sr. acha?

Francisco Caporal- Nas sementes liberadas até hoje não foi introduzido nenhum gene para aumentar a produtividade. Aliás, segundo pesquisadores gaúchos, a produtividade da soja transgênica aqui no RS tem sido menor que a produtividade das variedades convencionais. No Brasil, basta ver que estados como Goiás e muitos outros obtiveram produtividade maior que no RS, na última safra. Ademais, defender a soja transgênica com o argumento da fome é pura hipocrisia, para não dizer outra coisa. Quanto nós comemos de soja? Aliás, a soja não faz parte de nosso hábito alimentar e sequer dominamos, como os povos asiáticos, as formas adequadas de consumir esta leguminosa sem causar problemas de saúde. Inclusive todas as campanhas já realizadas no Brasil para aumentar o consumo direto de soja na alimentação humana não alcançaram os resultados esperados. Por outro lado, enquanto estamos centrados na polêmica dos transgênicos, não estamos vendo que diminuiu a produção de arroz, a produção de feijão e de outros produtos da nossa alimentação básica está estagnada e tudo o que produzimos de alimentos básicos seria insuficiente se todos os brasileiros tivessem a oportunidade de comer três refeições por dia, como anunciou o Presidente Lula. Vandana tem absoluta razão. E ela fala com a experiência de uma cientista que vem estudando os impactos da Revolução Verde no mundo, especialmente na Índia, onde a introdução das sementes milagrosas, que iriam reduzir a fome, resultou no contrário, além de trazer impactos negativos para a biodiversidade e para a diversidade de variedades que eram cultivadas. Este argumento malthusiano, centrado na produção de alimentos, é falacioso. No caso da soja, é mentiroso. Nem a Revolução Verde eliminou a fome no mundo, nem os transgênicos serão capazes de fazê-lo. Aliás, desde que iniciou a Revolução Verde vem aumentando o número de famintos, que segundo a FAO, já passa de 820 milhões. O problema da fome está diretamente associado à distribuição, ao acesso, ao desperdício e ao sobreconsumo de alguns povos e não pode ser tratado somente do ponto de vista da produção.

IHU On-Line- Como o Sr. avalia a posição, até o momento, das autoridades?

Francisco Caporal- Grande parte das autoridades governamentais tem sua preocupação centrada na questão econômica, no aumento dos impostos, das exportações. Outra parte pensa na balança de pagamentos e no aumento do superávit. A maioria não está preocupada com os possíveis impactos à saúde e ao meio ambiente que os OGMs podem vir a causar no futuro. Para muitos, a questão é vista de uma forma imediatista e simplista. O longo prazo a Deus pertence. Por outro lado, no caso da soja transgênica, as autoridades estão defendendo apenas uma pequena parcela da população, formada pelos plantadores de soja e os setores agroindustriais que estão a montante e a jusante do setor. Acho que uma parcela importante do judiciário e dos deputados está mais inclinada ao princípio da precaução do que os governos. O problema é que a sociedade em geral tem pouco espaço e poucas oportunidades para manifestar sua contrariedade, como mostram muitas pesquisas realizadas aqui e em outros países, inclusive nos Estados Unidos e na Europa.

IHU On-Line- Quais são os principais desafios para um desenvolvimento sustentável no Brasil e no Estado?

³.- cfr. entrevista no IHU On-Line número 61, de 26 de maio de 2003, p. 2-5

Francisco Caporal- Os desafios são muitos. O modelo desenvolvimentista que vigora desde, pelo menos, meio século trouxe consigo uma quantidade enorme de externalidades negativas. Só como exemplo, basta ver as nossas cidades, grandes e médias, que se tornaram ingovernáveis e ambientalmente insustentáveis. A febre de consumo e o desperdício de energia e materiais passaram a fazer parte do modo de vida dos cidadãos. Pelo menos dos que consomem. O uso de combustíveis fósseis chegou a níveis absurdos e está levando à exaustão das reservas e causando cada vez maior poluição. O lixo produzido e não reciclado ou não reciclável causa inúmeros malefícios à saúde e ao meio ambiente e suas quantidades são cada vez maiores. E para piorar, o modelo agrícola convencional que expulsou e continua a expulsar gente do campo faz com que as cidades tenham uma pior qualidade de vida. Por outro lado, a agricultura dita “moderna” é responsável pelo uso crescente de venenos, e pesquisas da Anvisa mostram que estamos comendo alimentos contaminados por agrotóxicos. O desmatamento e outras práticas, associadas ao modelo de desenvolvimento, têm trazido sérios desequilíbrios ambientais. As perdas de solo e água, causadas pelo estilo de agricultura que praticamos, são absurdas. Enfim, trata-se de um modelo que é ambientalmente insustentável. Portanto, temos que repensar nossa sociedade e o modelo de desenvolvimento, pois, caso contrário, seremos responsáveis por deixar às futuras gerações um legado de destruição. Talvez, pudéssemos começar a mudar este quadro dramático se cada um de nós, e nossos governantes, passasse a seguir o que recomenda a Agenda 21 brasileira. O desenvolvimento sustentável, além de um conceito, deve ser uma busca permanente, se é que não queremos chegar ao abismo da insustentabilidade. Entretanto, para alcançá-lo será necessário construir uma nova ética, uma ética da solidariedade entre as gerações atuais e das gerações futuras para com as futuras gerações. Esta nova ética deveria pautar todas as políticas públicas e as ações de cada cidadão, particularmente dos que detêm o poder das decisões políticas.

“DESENVOLVER A PESQUISA É A ÚNICA FORMA DE NÃO FICAR REFÉM DAS MULTINACIONAIS”

Entrevista com Maria Helena Zanettini

IHU On-Line conversou com a Prof^a. Dr^a. Maria Helena Zanettini, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Maria Helena é doutora em Genética e Biologia Molecular, com tese intitulada **Comportamento meiótico em cultivares de trigo submetidas a diferentes condições ambientais**. É autora de três livros, entre os quais destacamos **Plantas transgênicas: uma nova ferramenta para o melhoramento genético vegetal**. Porto Alegre: FIERGS/UFRGS/FARSUL/SENAR, 1999.

IHU On-Line- Como a Sr^a avalia as medidas tomadas pelo governo até o momento sobre o tema transgênicos?

Maria Helena Zanettini- Tudo está muito confuso. Constituiu-se uma comissão de biossegurança com o papel de emitir um parecer em relação aos transgênicos. Essa comissão, formada por pesquisadores, ministérios, diferentes organismos que representam a defesa do consumidor, seria consultiva, e a deliberação ficaria por conta da presidência. Eu acho que a comissão de biossegurança, representada pela comunidade com grande conhecimento técnico deveria ser deliberativa. A decisão não pode ficar em mãos de pessoas que não são da área. Hoje todo o mundo se manifesta.

IHU On-Line- Esse foi o problema nas decisões tomadas em relação à soja transgênica no RS?

Maria Helena Zanettini- Com a soja, o parecer da comissão liberou os transgênicos com monitoramento por cinco anos para realizar estudos e esclarecer todas as dúvidas que surgissem, mas foi impedida a liberação por embargo judicial. Agora perdemos toda chance de analisar e responder às dúvidas. Não sei mais como vai continuar esta situação, porque hoje está tudo misturado. As sementes entraram de forma ilegal e hoje não se sabe mais o que é transgênico e o que não é. Sabe-se, informalmente – porque, ao entrar ilegal, perdeu-se o controle -, que 5% da soja plantada no RS é convencional, o resto é transgênica. Seja na plantação, seja na colheita, seja na exportação, não há controle sanitário da soja e pode estar trazendo doenças.

IHU On-Line- O que falhou?

Maria Helena Zanettini- Em primeiro lugar, o tipo de produto lançado inicialmente. Existem mais de 40 produtos já liberados para consumo no mundo. Eles têm resistência a insetos e tolerância a herbicida. Aí há uma questão comercial. A Empresa Monsanto tem o monopólio do herbicida empregado no cultivo da semente. Em segundo lugar, todas as empresas que hoje produzem transgênicos, produziam antes agrotóxicos. As empresas americanas descobriram o potencial da biotecnologia antes das européias. Os transgênicos mexem com um mercado muito grande como é o dos agrotóxicos. Eu acho que o problema não é realmente científico, e sim econômico e político.

IHU On-Line- A informação a respeito do assunto é muito contraditória

Maria Helena Zanettini- As pessoas estão assustadas pela forma como está sendo transmitida essa informação. Aqui no RS, foi publicado um livro sobre transgênicos, dizendo que eles provocam Aids. Existe uma cartilha, afirmando que dá câncer... Não é fácil explicar o que é transgênico para a população. Grande parte das pessoas que são contra os transgênicos, não sabem o que se usa na agricultura, não entendem de biologia, nem de plantas. Em todas elas se usam herbicidas e inseticidas. Dados mundiais mostram a redução do uso de agrotóxicos nos transgênicos.

IHU On-Line- O que se sabe em relação ao impacto na saúde e no meio ambiente?

Maria Helena Zanettini- Em relação à saúde, autores dizem que não tem havido evidência de prejuízos. O meio ambiente mostra uma redução no uso de agrotóxicos, por isso até seria benéfico. Também não podemos generalizar “todo transgênico é benéfico”, cada produto deve ser testado com rigor. Já houve um caso de feijão que é deficiente em um aminoácido e achou-se um gene na castanha do Pará que tinha uma síntese de proteína rica nesse aminoácido. Quem era alérgico à castanha do Pará, era alérgico a esse feijão, então este último não foi liberado.

IHU On-Line- E o risco do monopólio na propriedade da semente?

Maria Helena Zanettini- Essa é a grande discussão. As empresas que detêm as tecnologias são multinacionais; elas querem lucro. Mas, por exemplo, na China estão aplicando verbas públicas para desenvolver produtos deles e não aceitar os da multinacional. Desenvolver forte pesquisa nas universidades públicas seria a única forma de não ficar reféns das multinacionais. Os EUA desenvolveram uma soja que diminui os ácidos saturados, ou seja, beneficia a saúde. Nós podemos desenvolver produtos brasileiros, e quando eles atingirem uma escala suficiente, teremos mercado para eles? Atualmente, a pesquisa sobre transgênicos no Brasil está parada. A Embrapa produziu feijão, batata e mamão, e ela está impedida de testá-los, por causa da lei e por falta de investimento na pesquisa, a qual eu vejo como a única forma de fugir do monopólio.

Eu estou desenvolvendo uma pesquisa, com um grupo de pesquisadores, inclusive a Prof^a Annette Droste⁴ da Unisinos. Estamos tentando produzir uma soja resistente a insetos que a atacam. Se pagarmos uma multinacional, ficaremos cada vez mais envolvidos com elas.

IHU On-Line- O Brasil está muito longe de conseguir esse desenvolvimento na pesquisa?

Maria Helena Zanettini- No Brasil, precisaria uma discussão, mas não histórica do tipo, a favor ou contra. Quando se chega a esse ponto, o cientista chega a ser vaiado. Se a platéia ouve afirmações como a que o transgênico provoca Aids, e a imprensa dá para isso uma repercussão enorme, evidentemente o cientista fica no meio disso tudo como um vilão. Na época em que o livro de Sérgio Görgen sobre transgênicos foi publicado, nós fizemos contato com o cientista no qual, supostamente, o autor se baseava, e ele nos disse que tinha sido mal interpretado. Mas, a imprensa não deu repercussão à nossa apreciação, apesar de nós termos dado uma audiência pública na Assembléia Legislativa. Na Suíça, houve um movimento semelhante em 1996. O parlamento levou cientistas a discutir com eles, os políticos se informaram, fizeram uma grande campanha nacional na imprensa, ouvindo 2 mil cientistas. O RS tem o tamanho da Suíça, e somos 8 pesquisadores no assunto, alguns já estão desistindo, porque falam e ouvem desaforos.

IHU On-Line- Mas, o difícil é falar para o povo ou entre os diversos cientistas?

Maria Helena Zanettini- Pois é. Acontece que todo o mundo resolveu dar um parecer. Eu acho muito válido discutir com outros cientistas. Mas, em que termos? Não vou ser eu, por exemplo, que falarei sobre transplantes... Nossos políticos estão desinformados. No governo estadual anterior, conseguimos reunir os secretários de Meio Ambiente, Agricultura e Ciência e Agricultura e Ciência e Tecnologia. Eles não sabiam que existem vários produtos transgênicos no Estado, além da soja. Ficamos à disposição e nunca fomos chamados. Com este governo, menos ainda. Contudo, algumas coisas estão mudando. Entidades que antes chamavam um favorável e outro contra os transgênicos, agora querem receber mais informações técnicas. Mas, isso acontece ainda em grupos reduzidos.

Por que só na agricultura, nas plantas a transgenia não é boa. A insulina é um transgene humano colocado em uma bactéria, muito seguro. Também a cerveja, o vinho, o queijo são transgênicos, e ninguém faz campanha contra. Por que lá é bom e nas plantas não?

**“O GANHO DO TRANSGÊNICO NO CAMPO
É MUITO MAIOR DO QUE O GANHO DA CULTURA NORMAL”**

Entrevista com Janice da Silva e Neila Richards

Janice da Silva é mestre em química, na área de Recursos Naturais pela UFRGS e coordenadora do Curso de Engenharia de Alimentos, na Unisinos. Neila Silvia Pereira dos Santos Richards é Especialista em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UNIMEP, Mestre em Ciências Agrárias e Doutora em Tecnologia Bioquímica Farmacêutica, pela USP. Ambas são professoras no curso de Engenharia de Alimentos no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. As professoras conversaram com IHU On-Line sobre transgênicos.

IHU On-Line- Como vocês vêem a plantação de Organismos Geneticamente modificados?

⁴ A prof^a Annette Droste foi entrevistada por **IHU On-Line** sobre reprodução e novas tecnologias na edição nº 68 de 28/7/03, p. 4-6.

Neila Richards- É uma grande invenção. Uma maneira de podermos controlar toda a produção de alimentos. Não se sabe muito ainda sobre os impactos que a cultura transgênica traz ao ecossistema. Na mídia, existem os extremos.

Janice da Silva- Ainda falta muita investigação para definir os efeitos na saúde, embora nos últimos anos já vem se consumindo transgênicos. Os efeitos já podem estar aí. Mas é difícil diagnosticar se determinado efeito está vindo de uma alimentação transgênica ou não. Ao mesmo tempo, em termos de produção mundial de alimentos, os grãos não transgênicos não estão recebendo cotações diferenciadas. Observa-se, isto sim, são os questionamentos de nossos concorrentes comerciais sobre a presença de grãos transgênicos nas exportações, anteriormente isentas deste tipo de grão. O que não comentam é que eles próprios já vinham utilizando grãos transgênicos desde a década passada. O potencial agrícola do nosso País representa um fator de desequilíbrio estratégico, valendo então qualquer manobra para restringir o mercado de nossos produtos. Importante destacar o impacto social de um setor primário forte. Destaca-se o segmento do soja, onde somos o segundo produtor mundial, pouco atrás dos EUA. Não se deve embargar a pesquisa científica, porque traz um retorno imenso e não podemos parar esse processo. Ao mesmo tempo, tem que se articular com a saúde. Uma forma cautelosa, sem acabar com o mercado.

***IHU On-Line-* A tecnologia da transgenia poderia ser usada em outros âmbitos que não comprometa a saúde e o ambiente?**

Janice da Silva- O Brasil tem um vasto potencial em biomassa. Seria um grande destaque para os transgênicos ter o seu uso potencializado para aplicações não alimentares. A obtenção de insumos químicos e combustíveis a partir de biomassa, neste caso, grãos transgênicos, já é uma realidade em grupos de pesquisa. Por exemplo: soja para biodiesel e biocombustíveis. Milho pode se tornar bioplástico. Certamente aí o Brasil se destacaria muito, por ser rico em biomassa e para isso os transgênicos seriam geniais. Não haveria preocupação em relação à saúde porque não é para alimentação e estaríamos dando um destaque à indústria química e à energia. Imaginem um painel de automóvel feito de um bioplástico oriundo do milho. Um plástico não oriundo da indústria petroquímica, e sim de um recurso renovável. No caso de combustíveis, o atual governo está lançando um programa nacional de biocombustíveis. Está-se falando em biodiesel e ele é oriundo de uma biomassa.

Neila Richards- Eu não vejo como perigo na área de alimentos. Um produto para ser aprovado já deve vir sendo estudado há anos. O ser humano é um ser único, um produto que em mim dá alergia em você não dá. O que ainda não está estudado é o efeito desses alimentos transgênicos em toda a população. Os próprios alimentos não transgênicos podem causar a uma pessoa alergia e a outra não. O importante é que o consumidor saiba se quer consumir ou não transgênicos. Isso é um trabalho também da mídia. Porque as pessoas que não estão no meio científico precisam ter acesso a essa informação. No Brasil, a legislação não vincula, por exemplo, soja transgênica com o Herbicida da Monsanto. Muita gente crê que a Monsanto vende sementes transgênicas para vender o herbicida que é um glifosato, mas o herbicida pode ser de outra empresa, uma vez que já caiu a patente deste tipo de produto.

O Decreto nº 4.680, de 24.04.2003 regulamenta o direito à informação, assegurado pela Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, quanto aos alimentos e ingredientes alimentares destinados ao consumo humano ou animal que contenham ou sejam produzidos a partir de organismos geneticamente modificados, sem prejuízo do cumprimento das demais normas aplicáveis. Na comercialização de alimentos e ingredientes alimentares destinados ao consumo humano ou

animal que contenham ou sejam produzidos a partir de organismos geneticamente modificados, com presença acima do limite de um por cento do produto, o consumidor deverá ser informado da natureza transgênica desse produto. Isso não vigora no Brasil, porque os consumidores não têm informações sobre este decreto. Esse é ainda nosso maior impasse. Hoje, no Brasil, nós temos mais de 60 alimentos transgênicos que consumimos sem saber que consumimos. Por isso, repito que os efeitos devem ser mais estudados. É fundamental a rotulagem dos transgênicos para garantir o direito de escolher do consumidor.

IHU On-Line- Mas os transgênicos devem ser estudados enquanto são liberados ou primeiro devem ser pesquisados?

Neila Richards- Talvez seja como o caso do Confrei, que era utilizado para tudo, que curava tudo. De repente, descobriu-se que ele causava um efeito adverso no organismo, e o governo o retirou do mercado.

Isso aconteceu também com diversos fármacos, um exemplo seria a talidomida. Em relação aos transgênicos desenvolvidos e liberados no exterior, testes devem ser repetidos aqui, no Brasil, porque a nossa biodiversidade é diferente.

Janice da Silva - Isso aconteceu também com diversos fármacos.

IHU On-Line- Não é preocupante o monopólio da produção agrícola? O Fim dos pequenos agricultores?

Janice da Silva- Não significa que os agricultores tenham que trabalhar só com transgênicos ou só com Monsanto. Eles podem se diferenciar com grãos não transgênicos.

IHU On-Line- A própria UE aceita os transgênicos e está sob pressões políticas dos EUA? Será que haverá lugar para todos?

Neila Richards- A produção de alimentos vai muito bem obrigado. A agricultura moderna é bem-sucedida e produz alimentos suficientes para alimentar os seis bilhões de pessoas do Planeta. Não temos falta de alimentos, o que temos é má distribuição de renda para adquirir os alimentos. Os EUA têm uma regulamentação sobre linhagens selvagens. Então, por exemplo, na Flórida, eles não plantam algodão transgênico, porque o algodão ali é muito bom e não precisa semente transgênica. Aqui temos linhagem do algodão e do arroz e não há proteção para essas linhagens como acontece nos EUA. O carro chefe da revolução verde era “temos que usar herbicidas para aumentar a produção de alimentos”. E aumentou. Agora estamos em outra fase que é a invenção da transgenia. Podemos ter plantações equipadas com genes resistentes às principais pestes e doenças. Qualquer que seja a espécie original de uma plantação, qualidades extras podem ser incorporadas à estrutura básica: genes para produzir frutas suculentas, grãos ricos em proteína, resistência a pestes, doenças, seca ou geadas. A introdução dos transgênicos está acontecendo em várias ondas, a próxima é a de alimentos-vacina, alimentos antibióticos e alimentos que suprem determinado nutriente. Um exemplo seria do enriquecimento do grão de arroz com beta-caroteno, que é pro vitamina A.

IHU On-Line- Que medidas são urgentes em relação aos transgênicos?

Janice da Silva- Mais investimento em pesquisa e desenvolvimento. No momento em que o governo afirma que vamos adotar esse tipo de política de transgênicos na área de alimentos ou de combustíveis, tem que haver desenvolvimento de programas de pesquisa em paralelo com a decisão política.

Neila Richards- Eu acentuaria que Ministérios e indústrias, universidade, empresas, produtores tem que ser parceiros e ter um conselho e um consenso. Mas, no campo o produtor de transgênicos, terá uma produção muito maior que a normal. Precisa de um espaço de terra muito menor que uma cultura normal, mas ainda acho que deve ser regulamentado a linhagem selvagem . Mas, o ganho do transgênico no campo é muito maior que o ganho da cultura normal.

A IGREJA E OS TRANSGÊNICOS CNBB DIVULGA DOCUMENTO

O Setor Pastoral Social da CNBB, em mensagem eletrônica enviada a nós, sintetiza o discurso do presidente do Conselho Pontifício de Justiça e Paz, do Vaticano, sobre os Organismos Geneticamente Modificados – OGMs. A nota inicia afirmando que “em vista dos rumores que circulam sobre a suposta aprovação do Vaticano ao uso de organismos geneticamente modificadas (OGMs), é nosso dever informar que temos em mãos cópia do discurso do arcebispo Renato R. Martino, presidente do Conselho Pontifício de Justiça e Paz, do Vaticano, proferido na Conferência Ministerial sobre Ciência e Tecnologia na Agricultura, de 23 a 25 de julho de 2003, em Sacramento, Califórnia, Estados Unidos”. Depois de sintetizar o discurso, a nota conclui: “Como se pode ver, em nenhum momento o arcebispo Martino se refere a uma aprovação dos OGMs por parte da Santa Sé. Limita-se a enfatizar a relevância dos debates, bem como a ‘centralidade da pessoa humana’ no processo de ‘desenvolvimento sustentável’. Como base em suas palavras, conclui-se que a tão propalada adesão do Vaticano aos transgênicos não passa de especulação.

A Santa Sé e os Organismos Geneticamente Modificados Comissão Justiça e Paz do Vaticano

Segundo a nota do Setor Pastoral Social, o discurso do arcebispo diz textualmente o seguinte: “A Santa Sé, por sua natureza, tem sempre mostrado sua preocupação pelo reconhecimento da dignidade humana e a promoção e a proteção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. O mais importante entre esses é o direito à vida, da concepção à morte natural”.

“A Santa Sé também reconhece a importância da centralidade da pessoa humana com relação às estratégias de crescimento e desenvolvimento, incluindo a erradicação da pobreza, a eliminação da fome e da desnutrição e a promoção do bem-estar social e econômico”.

“A Santa Sé entende a necessidade urgente de fornecer segurança alimentar a todas as pessoas, especialmente àquelas que sofrem com a pobreza, a fome e a desnutrição. A presença de uma Delegação no encontro propiciou à Santa Sé a oportunidade de observar, ouvir o testemunho de especialistas e de aprender sobre os vários programas e projetos que envolvem o uso de organismos geneticamente modificados (OGMs)”.

“Na presente discussão, a Santa Sé não esteve presente para abordar os méritos de desenvolver nova tecnologia. A Santa Sé sabe muito bem da existência de plantas que produzem alimento em abundância”.

“Alimentar os famintos é essencial. Encontrar meios de conseguir isso é imperativo. Ao mesmo tempo, a Santa Sé continua a estudar o uso mais amplo de OGMs”.

“Entretanto, deve-se notar que, na presente situação, os assuntos atuais do mundo sobre o desenvolvimento futuro da agricultura sustentável devem iniciar com a abordagem da erradicação da pobreza, que tem na eliminação da fome um de seus elementos essenciais. As maiores preocupações hoje, neste momento, são as necessidades urgentes de centenas de

milhões de seres humanos que sofrem de desnutrição, especialmente aqueles ameaçados pela morte por falta de alimentos”.

“As informações coletadas serão muito úteis, permitindo à Santa Sé desenvolver uma visão clara sobre o uso de OGMs”.

“A informação leva à participação. A participação traz *empowerment*. O uso de OGMs precisa ser discutido abertamente, para que sejam tomadas decisões informadas por aqueles que possam receber e usar esses produtos. Isso permitirá a essas pessoas continuarem no caminho do desenvolvimento sustentável”.

Alimento Biotech

O debate nos jornais

Depois de cinco anos, a Europa retoma a distribuição de licenças para a produção e o comércio de alimentos transgênicos. Mas, para Washington, segundo o jornal *Corriere della Sera*, 19-8-03, isso não basta. Estados Unidos, Argentina e Canadá pediram aos ‘árbitros’ da Organização Mundial do Comércio – OMC – para punir a União Européia e condená-la a pagar compensações pelo fechamento do seu mercado aos produtos geneticamente modificados provindos destes três países. Para o jornal argentino *Clarín*, 19-8-03, “esta é uma peleia fundamental para a diplomacia argentina”, pois, segundo o jornal, a Argentina, “com uns 13 milhões de hectares semeadas com sementes de soja, milho e algodão transgênicos, é o segundo produtor mundial deste tipo de cultivos”. Por sua vez, os jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* do mesmo dia, 19-8-03, davam com destaque a mudança de opinião do presidente Lula quanto à questão dos transgênicos. Jânio de Freitas, na *Folha de S. Paulo*, publicou um áspero comentário sobre os sinais de mudança do presidente a respeito do tema.

Os jesuítas e os OGM

Jesuítas da Índia, Bolívia, Zâmbia e Indonésia debatem o tema

A revista *Promotio Iustitiae*, publicada pelo Secretariado para Justiça Social da Cúria Geral da Companhia de Jesus, dedica o n. 79, 2003 ao tema dos Organismos Geneticamente Modificados – OGM. Jesuítas da Itália, Espanha, Bélgica, Indonésia e Bolívia, com um artigo, debatem os OGM. Dois artigos de jesuítas indianos, Leo D’Souza, doutor em cultivo de plantas no Instituto Max-Planck de Agricultura de Colônia, Alemanha e diretor do Laboratory of Applied Biology, de Mangalore e Savarimuthu Ignacimuthu, diretor do Entomology Research Institute de Chennai, contribuem no debate.

OGM: a experiência africana

Jesuítas do Zâmbia debatem os transgênicos

Na revista da Companhia de Jesus acima citada, três jesuítas do Zâmbia, cuja posição teve repercussões internacionais, escrevem na revista. Paul Desmarais, canadense, agrônomo, trabalhando no Zâmbia desde 1971, no artigo intitulado *Segurança alimentar – OGM ou cultivos orgânicos?* narra a sua conversão da agricultura industrializada para a orgânica. Um depoimento fascinante. Ele trabalha no Kasisi Agricultural Training Center, em Lusaka. Por sua vez, Peter Henriot, diretor do Jesuit Center for Theological Reflection, sob o título *As geopolíticas dos OGM*, narra a repercussão internacional que suscitou a postura tomada pelos jesuítas do país em relação aos transgênicos. A partir do trabalho desenvolvido pelo Kasisi Agricultural Training Center – KATC, que desenvolve um projeto educativo que atua junto aos camponeses, e pelo Jesuit Center for Theological Reflection – JCTR – que é um centro de investigação e ação social, os jesuítas tomaram uma posição muito crítica em relação aos transgênicos. Esta posição fez com que Colin Powell, secretário de estado do governo Bush,

escrevesse ao Vaticano e o embaixador dos EUA no Vaticano visitasse a Cúria Geral da Companhia de Jesus pedindo que interviesse no JCTR. Um terceiro artigo é de Roland Lesseps, que assina o instigador artigo *A engenharia genética avaliada da perspectiva da espiritualidade da criação cristã e inaciana*, publicado na íntegra nesta edição. O boletim pode ser acessado na página www.sjweb.info/sjs A edição impressa, em francês, inglês, espanhol e italiano pode ser pedida no seguinte endereço, especificando a língua preferida: sjs@sjcuria.org

Jesuítas da África debatem os Transgênicos

Um jesuíta agrônomo aposta na agricultura orgânica

Na revista *Promotio Iustitiae*, publicada pelo Secretariado para a Justiça Social da Cúria Geral da Companhia de Jesus, com sede em Roma, n.79, 2003, publica um amplo dossiê sobre os Organismos Geneticamente Modificados – OGM. Paul Desmarais, jesuíta canadense, agrônomo, que trabalha no Zâmbia, desde 1971, narra a sua passagem da agricultura industrializada para a orgânica. Paul Desmarais trabalha no Kasisi Agricultural Training Center – KATC. Ele inicia o seu depoimento, intitulado *Segurança alimentar – OGM ou cultivos orgânicos*, afirmando que ele entra no debate sobre os OGM, partindo dos “32 anos de experiência na educação agrícola com pequenos agricultores no Zâmbia”. Ele narra: “Cheguei no Zâmbia, em 1971, equipado com um título acadêmico em agronomia e cheio de experiências de agricultura, já que me criei numa fazenda no Canadá. Eu não tinha nenhuma dúvida sobre o que devia fazer para cultivar alimentos e incrementar a renda dos agricultores: remover todas as árvores dos campos, mecanizar os processos com tratores e arados, usar fertilizantes e pesticidas, promover o milho híbrido e a monocultura. Este sistema tinha funcionado na América do Norte”. Com o apoio do governo local esta política foi implementada. Continuando o seu depoimento, ele constata: “O tipo de agricultura industrializada, que foi promovida nos últimos 50 anos, mantém os agricultores encurralados. Estamos numa situação na qual os alimentos se tornaram uma ‘comoditie’. Os alimentos são processados, empacotados e vendidos como um objeto. Os alimentos já não são considerados como um direito individual”.

A revolução dos OGM

Nem sustentável nem socialmente justa

“Devo admitir que, quando comecei a trabalhar com a agricultura orgânica, em meados dos anos 1980, eu era muito cético. Pensava que a agricultura orgânica pertencia a uma franja muito estreita da sociedade. Na medida que fomos crescendo no conhecimento da agricultura orgânica, no Centro de Educação Agrícola de Kasisi, podemos agora dizer, sem nenhuma dúvida, que este tipo de agricultura é o único caminho que temos para produzir alimentos suficientes e capazes de serem comidos pelos habitantes do Planeta, especialmente os pobres”. Segundo ele, “a ‘revolução verde’ é socialmente injusta e pouco amável com o ambiente. A revolução dos ‘organismos geneticamente modificados’ consiste em mais do mesmo e na mesma direção: não é nem sustentável nem socialmente justa”. O depoimento conclui, perguntando: “Como podemos sair deste ‘moinho’ da agricultura industrializada? A única opção que vejo é a agricultura orgânica. Os organismos geneticamente modificados são incompatíveis com a agricultura orgânica. Os agricultores que trabalham com ela são independentes; eles podem semear suas colheitas com o mínimo de intervenções exteriores; eles não necessitam de pesticidas e são mais independentes das corporações transnacionais. A agricultura orgânica é um sistema socialmente justo, economicamente viável, favorável ao ambiente, capaz de alimentar o Planeta, sustentar o ambiente e ajudar os pobres”.

A geopolítica do alimento transgênico

Jesuítas africanos sob o tiro dos EUA

Na revista *Promotio Iustitiae*, acima citada, no dossiê sobre os Organismos Geneticamente Modificados – OGM, é publicado um artigo do jesuíta Peter Henriot, que trabalha no Jesuit Center for Theological Reflection – JCTR – em Lusaka, Zâmbia. O artigo, intitulado *As geopolíticas dos OGM* narra o que sucedeu com os jesuítas que trabalham no Zâmbia depois que um estudo elaborado pelo KATC-JCTR sobre os OGM criou uma celeuma internacional. Segundo Peter Henriot, “o que poderia ter sido, simplesmente, um debate científico sobre as implicações que o milho geneticamente modificado procedente dos EUA poderia ter sobre o meio ambiente e a saúde do povo do Zâmbia, se tornou um caso sério de intriga e de diplomacia internacional de bastidores que está assumindo proporções surpreendentes”.

Os OGM ameaçam a segurança alimentar

Um estudo dos jesuítas no Zâmbia

Peter Henriot, depois de narrar a história da introdução dos OGM no Zâmbia e a oferta de milho transgênico oferecido pelo governo dos EUA para ajudar no combate à fome deste país africano, que foi recusada pelo governo local, sintetiza a reação dos EUA frente a esta tomada de posição. Sob o subtítulo “Os jesuítas sob os tiros”, o autor relata que o estudo de KATC-JCTR apontava que a “introdução de organismos geneticamente modificados causaria problemas no longo prazo, diminuiria a produção, aumentaria o uso de herbicidas, reduziria a biodiversidade, daria resultados imprevisíveis e reduziria o ganho dos agricultores. O estudo afirmava com muita convicção os aspectos de justiça social, já que a agricultura dá trabalho a muitas famílias e iria ser substituída por um cultivo intensivo de alimentos por motivos comerciais, realizado por indústrias mecanizadas, resultando no aumento do desemprego e ameaçando a segurança alimentar do país”. O estudo circulou na página www.jctr.org.zm, nas ONGs, ambientes da Igreja, comunidade diplomática. “Alguns grupos”, segundo o relato de P. Henriot, “internacionais felicitaram o documento (p.ex., Food First, Friends of the Earth), e outros o receberam com críticas, especialmente alguns ‘experts’ em agricultura que tinham trabalhado para a Monsanto – mas isso não era surpresa. O debate se acalmou depois da postura tomada pelo governo do Zâmbia, negando a oferta americana”.

Jesuítas e OGM causam tormenta política

A força da sociedade civil

“A tormenta política estalou mais tarde e esteve focalizada no papel dos jesuítas na disputa” – continua o relato de P. Henriot, na revista *Promotio Iustitiae*. “Através da imprensa se anunciou que o Secretário de Estado Colin Powell escrevera ao Vaticano para que pedisse que os bispos do Zâmbia interpelassem o governo sobre a posição de recusar o milho transgênico. O embaixador dos EUA no Vaticano visitou a Cúria Geral da Companhia de Jesus, pedindo às mais altas autoridades que interviessem no JCTR para questionar suas atividades, manifestando que sua postura causava graves prejuízos ao faminto povo do Zâmbia. O chefe de USAID falou em Washington da falta de sensibilidade dos jesuítas frente à crítica situação de fome. Apareceram artigos em algumas revistas americanas, acusando o estudo de KATC e do JCTR de irresponsabilidade na sua pesquisa e de apoio à postura do governo do Zâmbia. O diretor do JCTR discutiu o assunto com o representante da USAID no Zâmbia e com membros da embaixada americana em Lusaka. Uma delegação do Congresso dos EUA visitaram o diretor do JCTR”. O relato conclui afirmando: “Esta disputa no Zâmbia pode parecer de menor envergadura do que os grandes problemas internacionais como a guerra no Iraque, o terrorismo. Mas realmente faz parte de um quadro maior da globalização e revela as

geopolíticas do comércio, as influências, os interesses coletivos, etc., revela o papel construtivo que pode ser exercido pela sociedade civil, os grupos eclesiais e os jesuítas e seus colegas”.

A MÍSTICA DA ALIMENTAÇÃO E OS TRANSGÊNICOS

*Marcelo Barros, monge beneditino, nos enviou o artigo que publicou no sítio da Jornada de Agroecologia, www.jornadadeagroecologia.com.br. Ele é autor de 26 livros, dos quais o mais recente é **O Espírito vem pelas Águas** (A crise mundial da Água e a Espiritualidade Ecumênica). São Paulo: Loyola, 2003.*

Jesus Cristo fez da ceia um sinal privilegiado de sua presença no mundo. Desde então, as comunidades cristãs aprenderam a considerar todo alimento como expressão do dom amoroso de Deus. Isso é herança do judaísmo. Um rabino dizia: “Quem come sem dar graças apossa-se indevidamente de algo que recebeu de Deus. Portanto, esta pessoa não tomou o alimento. Roubou-o”.

Uma verdadeira espiritualidade não divide corpo e alma. Jesus ensinou aos discípulos orar ao Pai e incluir na prece do “Pai nosso” a preocupação com o pão de cada dia. A uma irmã que lhe perguntou onde encontrava mais a Deus, a grande mística Santa Tereza respondeu: “nas panelas da cozinha”.

A sacralidade do alimento como dom de Deus se expressa na forma sadia de alimentar-se, no cuidado com a vida de todos e no respeito à terra e à dignidade dos seres vivos. Por isso, é de se esperar que pastores das Igrejas cristãs, sempre atentos em defender o que chamam de “lei natural”, se mobilizem para lutar contra os alimentos transgênicos, ou seja, grãos vindos de sementes geneticamente modificadas. De um governo - que sirva verdadeiramente ao seu povo e não aos interesses das multinacionais – esperamos uma atitude firme e que não ceda às pressões para abrir o país a este mercado.

Será que alguém, em sã consciência, pensa mesmo que alimentos transgênicos são feitos para diminuir a fome dos países pobres? Por acaso, as cinco grandes multinacionais que, no mundo inteiro, controlam toda a produção de sementes transgênicas as produzem pensando em beneficiar os países pobres ou em resolver o problema da fome? Todo mundo sabe que todo e qualquer cultivo transgênico está patenteado. As sementes não podem ser usadas para uma nova semeadura sem pagar os direitos de patente. Além disso, a Monsanto e as outras multinacionais que produzem transgênicos têm patentes sobre a tecnologia “Terminator”: sementes suicidas que não germinam na segunda geração. E elas mesmas fabricam e vendem os produtos químicos agrícolas (agrotóxicos) que envenenam nossos rios, destroem ecossistemas e provocam, em nós e nos animais, doenças que não sabemos como as contraímos.

Condicionam a compra do alimento transgênico ao agrotóxico por elas produzido. É venda casada. Comprou uma coisa tem de adquirir a outra. O lucro das empresas garante venenos para todos os gostos e em todas as etapas da produção: na terra que se cultiva, na semente fabricada artificialmente para ser estéril e assassina e no alimento que vem às nossas mesas. O Doutor Frankenstein ficaria muito feliz com esta nova versão de sua engenhosidade.

Todo ser humano depende de alimento e não pode ser uma comida qualquer. Pensemos nos desequilíbrios da anorexia: a pessoa que não consegue alimentar-se e pode até morrer porque a angústia vital lhe impede de alimentar-se. Pensemos, ao contrário, em mais de um bilhão de seres humanos que quer comer e não tem alimento. Há também a ansiedade da multidão que hoje faz dieta ou as muitas pessoas que engordam de forma descontrolada. Isso existe mesmo entre a população negra e pobre dos Estados Unidos e entre os índios do Brasil. Tudo isso revela que não basta alimentar-se. É preciso saber como e por quê. Há vários níveis de fome

como graus diferentes de segurança alimentar. A fome não se sacia com qualquer tipo de comida. A saúde só é garantida com um alimento saudável e recebido de forma adequada. Seguir uma dieta significa buscar a forma correta de receber, por meio do alimento, a energia de vida nele contida. Como se dará isso se este fluxo de energia vital dos alimentos não existe mais? Ou é exatamente pensado para não passar energia e não comunicar vida, e sim lucro a quem vende o alimento e dependência econômica e mesmo morte a quem cultiva e recebe o produto?

Se falamos de “segurança alimentar” só pode significar a preocupação e o compromisso em garantir alimentos com os atributos adequados à saúde dos consumidores, ou seja, um correto teor nutriente, sem contaminação de natureza química, biológica ou física e nada que possa prejudicar a saúde do povo.

Quem vive uma espiritualidade ecumênica procura ir à raiz das questões. Não aceita que se ponha em risco a vida dos seres humanos e a integridade do Planeta apenas por interesses econômicos das multinacionais. Elegemos governantes para nos representar. Eles, sem nos consultar, não podem nos substituir nas decisões fundamentais à vida de todos.

É estranho um cristão ouvir o Ministro pronunciar as palavras de Cristo sobre o pão: “Isto é o meu corpo” e saber que aquele pão é feito de trigo transgênico, produzido com tecnologia “Terminal” suicida e cultivado com agrotóxicos mortíferos. Temos o direito de ver em toda a natureza os sinais da presença de Deus, energia de amor do universo.

ESPIRITUALIDADE JUDEU-CRISTÃ DA CRIAÇÃO E OS OGM

*Traduzimos do espanhol e reproduzimos o artigo de autoria de Roland J. Lessep, SJ, da Kasisi Catholic Church, em Lusaka, Zâmbia. O texto foi publicado, em espanhol, inglês e francês, pela Revista **Promotio Iustitiae** nº.79, de 21 de agosto de 2003. Esta revista é editada pelo Secretariado para a Justiça Social da Cúria Geral da Companhia de Jesus nas três línguas acima citadas. A revista está disponível no sítio www.sjweb.info/sjs.*

Um princípio fundamental para guiar a nossa reflexão sobre os Organismos Geneticamente Modificados – OGM – é que todas as criaturas de Deus têm um valor intrínseco, em e por si mesmas. A natureza não é somente útil aos seres humanos, mas que ela é valorizada e amada em si mesma, por Deus em Cristo. Uma base escriturística para esta apreciação de todas as criaturas a encontramos em Gêneses 1: “E Deus viu que era bom... E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom”. Esta é uma afirmação surpreendente, como assinala Sallie McFague: “Deus não diz que a Criação seja boa para os seres humanos, nem sequer, e isso é o mais surpreendente, boa para mim, Deus, mas simplesmente boa, inclusive muito boa. Deus está dizendo que a natureza é boa em si mesma, não boa para algo ou alguém, senão, clara e simplesmente, boa. A afirmação de Deus é de caráter estético: valoriza algo fora de si mesmo, em si mesmo e por si mesmo. O autor do primeiro capítulo do Gêneses não deixa lugar a dúvidas de que sua mensagem é a bondade da Criação; ele o repete sete vezes ao longo de 31 versículos. Como não caímos na conta disso?”⁽⁵⁾

Se queremos mudar a visão antropocêntrica das criaturas e reconhecer nelas seu valor intrínseco, teremos de aceitar que elas têm direitos, incluído o direito de cada espécie de

⁵ McFAGUE, Sallie. **Super, Natural Christians: How we Should Love Nature** (Supercristãos naturais: como deveríamos amar a natureza), Minneapolis: Fortress Press, 1997, p. 165.

conservar sua integridade genética. Sean McDonagh o formula do seguinte modo: “Desde um ponto de vista ético, o núcleo do problema a resolver é se as criaturas têm valor intrínseco. Se têm, então resulta lógico que tenham direitos para suas especificidades, de modo particular os limites da espécie, sejam respeitadas por outras criaturas” (6).

Thomas Berry atribui a causa da atual crise ambiental ao “esforço dos povos ocidentais por produzir uma civilização que reconheça os direitos dos humanos, mas que não reconhece direitos a nenhum outro ser”(7). Contudo, Berry sustenta que “todo componente da comunidade da Terra tem três direitos: o direito de existir, o direito a um hábitat e o direito de cumprir seu papel no processo de eterna renovação da comunidade da Terra”. Com estes direitos casa bem o direito de cada espécie preservar sua identidade genética.

Espiritualidade inaciana da criação e os OGM

O apreço de Deus por todas as criaturas se reflete claramente na relação de Inácio de Loyola com as criaturas. Surpreende como, em David Fleming, o pensamento inaciano se apresenta como “devemos apreciar e usar estes dons de Deus na medida em que nos ajudam para alcançar o fim, que é servir amorosamente, e de unir-nos com Deus”(8). Nós, criados à imagem de Deus, devemos refletir a sua atitude de respeito para com a natureza: apreço. Devemos apreciar as coisas por si mesmas, por seu valor intrínseco. “Nem o Gêneses, nem os Exercícios Espirituais nos dão licença para utilizar mal as coisas que Deus fez. Pelo contrário, enquanto qualquer criatura obstaculiza nosso progresso para o nosso fim, devemos deixá-la em paz e respeitá-la, não abusar dela”(9).

Esta aproximação inaciana às criaturas, compartilhada com Francisco de Assis, aparece mais claramente na Contemplação para alcançar amor. Deus habita em todas as criaturas. “O mundo está carregado da grandeza de Deus”, escreveu Gerald Manley Hopkins. Experimentamos o amor criador de Deus, ardendo no interior de todas as criaturas e nos sentimos movidos a responder com nosso amor mais profundo, amor a Deus e amor a todas as criaturas, amor que se expressa em nossas obras. “A Contemplação propõe um respeito reverencial a todas as coisas. Ela exige relações em três direções entre Deus, os seres humanos e a natureza que sejam não somente respeitosas e generosas, mas também de amor”(10).

Deus trabalha em todas as criaturas, tirando-as continuamente do caos e do nada. Deus continua criando todas as coisas em todo momento. Sim, coisa impossível, que Deus deixasse de criar, pois desapareceríamos todos imediatamente, voltando ao nada. Este “trabalho” de Deus Criador é muito diferente do de um pensador humano que arruma, ajusta, remenda e repara. John F. Haught apresenta a tese de que nosso Deus é humilde, *kenótico* (que se esvazia), amor sofredor. “Dado que é próprio do amor, inclusive do amor humano, não manipular coercitivamente aos outros, não deveríamos esperar que o mundo, chamado a ser

⁶ .- McDONAGH, Sean. **Greening the Christian Millenium** (Reverdecer o milênio cristão), Dublin: Dominican Publications, 1990, p. 136.

⁷ .- De um manuscrito não publicado. **A new Jurisprudence** (Uma nova jurisprudência), que ele distribuiu entre amigos em 2001.

⁸ .- FLEMING, David. **Draw Me into Your Friendship: A Literal Translation and a Contemporary Reading of the Spiritual Exercises** (Aproxima-te da tua amizade: uma tradução literal e uma leitura contemporânea dos Exercícios Espirituais), St. Louis: Institute of Jesuit Sources, 1978.

⁹ .- **Promotio Iustitiae**, 70, p. 23.

¹⁰ .- **Promotio Iustitiae**, 70, p. 31.

por um Deus generoso, fosse instantaneamente ordenado à perfeição. Pelo contrário, na presença do autodomínio próprio de um absoluto amor de auto-doação, o mundo se desenvolveria, respondendo ao atrativo divino no seu próprio ritmo e modo. O universo seria, então, autocriativo e auto-ordenado⁽¹¹⁾. Deus amorosamente renuncia a um domínio onipotente e permite que o universo evolua sem intervenção divina, inclusive com todo o sofrimento, a luta, a derrota e a perda que acontecem. Inácio de Loyola sonha com que nós, na Contemplação, imitemos este autodomínio, o amor humilde de Deus. A aplicação disso ao debate sobre os OGM é óbvia: deveríamos abandonar nossa arrogância e aceitar o princípio de que só porque podemos é bom modificar a estrutura genética de outras criaturas de modo tão profundo.

“A LIDERANÇA DE SERGIO VIEIRA DE MELLO AJUDOU À CONSTRUÇÃO DE TIMOR” Entrevista com Filomeno Jacob

Filomeno Jacob é padre Jesuíta de Timor Leste, doutor em Antropologia pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. Ele esteve na Unisinos participando da XIII Assembléia Geral da Associação das Universidades Jesuítas da América Latina (Ausjal), e do Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal, em maio deste ano. O Jesuíta foi ministro da educação no Timor Leste no tempo em que o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello era o Administrador Transitório das Nações Unidas, entre 1999 e 2002. Vieira de Mello foi Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos desde setembro de 2002. A partir dos acontecimentos da última terça-feira, dia 19 de agosto, com a morte de Vieira de Mello, no atentando contra a sede da ONU em Bagdá, IHU On-Line entrou em contato com o Pe. Filomeno, via e-mail, que concedeu uma entrevista sobre sua amizade com Vieira de Mello e a situação atual no Timor.

IHU On-Line – O Sr. foi Ministro da Educação no Timor, quando Vieira de Mello esteve governando o País, depois da independência da Indonésia. O que poderia dizer sobre esse período e sobre a pessoa de Vieira de Mello?

Filomeno Jacob - Fui Ministro da Educação num tempo difícil de reconstrução do país, imediatamente após a libertação, no tempo em que Sergio Vieira de Mello era o Administrador Transitório das Nações Unidas. Foi um período de decisões difíceis. A liderança de Sergio Vieira de Mello ajudou a definir as linhas mestras da construção do país. No setor da educação, seu apoio foi vital para a reconstrução inicial do sistema. Entre tantas iniciativas que tiveram seu apoio, quero destacar a reabertura da Universidade Nacional de Timor-Leste, que só pôde ser feita com a sua intervenção pessoal e direta, indo contra os conselhos dos que achavam que bastava a instrução primária e, no máximo, a secundária para o desenvolvimento do país. Outra decisão de peso que ajudou a vencer foi a de não ceder os edifícios da Escola Politécnica para se transformarem em quartéis das forças armadas. No debate cerrado sobre o assunto, Sergio Vieira de Mello colocou-se ao lado dos que defendiam a utilização dos edifícios do complexo para o serviço da educação técnica e profissional. E em tantas outras decisões estratégicas, seu princípio foi sempre o de colocar a soberania nas mãos de quem por ela lutara, os timorenses, a quem pertence a condução dos destinos deste país.

Trabalhei com ele muito de perto durante dois anos. Sergio foi um homem sempre aberto ao debate de idéias, um líder pragmático, um diplomata fino, um amigo generoso. Timor-Leste considera-o amigo e irmão, e isso aconteceu nas horas mais tristes e amargas da nossa

¹¹ .- HAUGHT, John F., God after Darwin: A Theology of Evolution, Boulder, Colorado: Westview Press, 1999, p.53. Este livro está traduzido para o português: *Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 e foi resenhado e comentado no **IHU On-Line** número 22, de 17 de junho de 2002, p. 4 a 6.

historia recente. Ajudou a lançar os alicerces do estado moderno que Timor-Leste quer ser. Sempre tive o seu apoio humano e político para as grandes decisões no setor da educação. Sua formação filosófica garantia-lhe o enquadramento humano das grandes decisões políticas que tem a ver com toda a cultura, a história e a experiência de nosso povo. Promoveu a participação na liberdade para todos, defendeu o bom senso comum, aventurou-se por avenidas nunca dantes percorridas pelas Nações Unidas e pelos diplomatas, e porque acreditou no ser humano e nos timorenses, liderou o processo local para a independência, num país mais que preparado e ansioso por sua liberdade, que se queria reconhecida e vivida. Homem do mundo, e de todos os seus diversos tempos, foi também, a seu modo, um homem para todas as estações da vida. Aqui viveu alegrias e tristezas, partilhou as nossas angústias e esperanças, viveu a solidão da liderança, viveu os banhos de multidão, tudo com um sorriso que cativou os homens e as mulheres do Timor-Leste. Foi homem do diálogo, e como tal, juntou-nos a todos num processo que hoje continua a avançar como num sonho que deve continuar a ser realizado todos os dias.

Ainda bem que foi Sergio Vieira de Mello a liderar este processo: brasileiro, falando a nossa língua, enquadrado na lusofonia e na latinidade, filósofo e diplomata, homem que viveu a história moderna de uma maneira profundamente enraizada, ele soube ajudar a colocar Timor-Leste no mapa mundial. Ficamos agora com a saudade incontida pela perda súbita de um ser humano, que foi nosso amigo e irmão, que será sempre parte da nossa história. Ele um dia saiu do Timor, esperando voltar em visita privada. Agora, estará sempre presente entre nós, na lembrança, na memória e na saudade. Foi um enorme privilégio pessoal ter podido trabalhar tão de perto com ele na construção de nosso país”.

IHU On-Line- Como o Sr. interpreta o atentado recentemente ocorrido no Iraque?

Filomeno Jacob- Lamento tudo o que aconteceu. Fico com a silenciosa esperança de que as coisas hão de melhorar. Que estas mortes sejam uma provocação para um maior compromisso com a justiça e a liberdade, o direito internacional e a democracia, para o bem de todos os povos que querem viver em serenidade.

IHU On-Line- O que mais destacaria da sua experiência como Ministro da Educação?

Filomeno Jacob- Destacaria a experiência de recomeçar do zero, reconstruindo edifícios, sistemas, processos, mas mais do que tudo isso imprimir uma nota de dignidade, de fé e de esperança, de coragem num processo que continua e que nunca acaba. A educação é um processo de toda a vida, e por isso apenas se dá o toque inicial a um processo pessoal e comunitário. O que se fez foi lançar um processo no qual muitas coisas foram realizadas, entre as quais, animar a colaboração internacional, tanto a multilateral como a bilateral, de modo a ativar potencialidades para o desenvolvimento.

IHU On-Line- Quais são os principais desafios de Timor hoje?

Filomeno Jacob- Os desafios são enormes, entre os quais eu destacaria sobretudo a necessidade de formação de quadros em todos os níveis, sobretudo nos de formação técnica superior, para a gestão segura do país, nos diversos setores. Timor-Leste precisa que esse processo avance para se poder dotar de recursos humanos, capazes, à altura dos grandes desafios da construção e da reconstrução do país, em todas as áreas. Tudo o mais segue: reconstrução de infra-estruturas, que também ainda é necessário enfrentar durante os próximos anos, de sistemas democráticos, de processos abertos de uma democracia muito jovem que dá os primeiros passos, mas cheios de esperança. Timor-Leste continua a precisar de apoios

bilaterais, sobretudo no setor da educação, e aí, os países da lusofonia poderiam ter um papel bem importante. Os setores prioritários são educação, saúde, infra-estruturas e agricultura, e nesses setores precisamos tanto de recursos humanos bem qualificados, como de apoios financeiros para se poderem acionar os processos necessários para o desenvolvimento nesses setores cruciais, nestes tempos de globalização em todos os sentidos.

TEOLOGIA PÚBLICA

OS CRISTÃOS NA SOCIEDADE, HOJE A CRISE DE IDENTIDADE

*Traduzimos e reproduzimos a nota e a entrevista publicada no jornal **Corriere della Sera**, em 20 de agosto de 2003, sobre o lançamento de um novo livro de Enzo Bianchi, prior da Comunidade Monástica de Bose, Itália.*

Enzo Bianchi, italiano, em 1965 se retirou solitário, impelido pelas exigências de uma nova espiritualidade e de radicalidade evangélica florescidas no fervor do Concílio Vaticano II. Bianchi, hoje, é o prior da Comunidade Monástica de Bose, onde vivem setenta monges, homens e mulheres, predominantemente católicos, mas também ortodoxos e protestantes: um lugar de contemplação e de cultura religiosa além de encontro de diversas confissões religiosas. Para Bianchi, Bose foi como os desertos, onde alguns monges do século IV se refugiaram como reação ao fato de a fé deles ter-se tornado religião oficial do Império Romano: evento que inaugurou o poder temporal da Igreja e a que correspondeu um secular declínio na vida espiritual.

No novo livro de Enzo Bianchi, que escreve semanalmente em alguns jornais italianos de circulação nacional, como, por exemplo, o **La Stampa**, de Turim, intitulado **Cristiani nella società**. Rizzoli, 2003, que responde à crise de identidade de muitos cristãos, sobretudo na vida social. O autor afirma que a “época constantiniana” do poder temporal terminou com o Concílio Vaticano II e com João XXIII.

Perguntamos-lhe, então, qual é o dado mais característico do momento atual do cristianismo.

“O dado mais característico é que a Igreja cessou de se colocar em posição defensiva nos confrontos com o mundo. Até João XXIII, sobretudo nos últimos séculos, ou seja, desde a Reforma, a Igreja sempre manteve um espírito apologético, de defesa do mundo, terminando por se sentir assediada, com inimigos por todos os lados. Com João XXIII, termina esta postura e se começa a ter um verdadeiro diálogo com a sociedade, um diálogo que aquele pontífice ensinava ser necessário partir apostando na confiança no outro, distinguindo o erro do sujeito que erra”

Corriere: Do livro, no entanto, emerge que sobre o novo momento da Igreja há nuvens negras...

Bianchi: Hoje muitos cristãos são conscientes de serem minoria, mas depois pretendem ser escutados como maioria; algumas vezes parece que querem ser um grupo de pressão, de *lobby* nos confrontos com a sociedade secular, ao invés de aceitar que existem não somente muitas religiões, mas também muitas éticas e muitas morais. Atualmente, muitas vezes, a Igreja, fala uma linguagem muito distante das pessoas, ainda muito moralista, que soa como muito severa e dura, pouco misericordiosa. Hoje, se registra, além disso, esta estranheza:

temos na Igreja grandes reuniões, encontros imponentes, mas não o confronto interno, nem uma opinião pública. Ainda hoje alguns têm medo de falar, de expressar o próprio dissentimento. Tudo isso impede aquela liberdade que faria perceber aos outros que o viver cristão é uma boa notícia.

Corriere: O Senhor alerta a Igreja do risco de reduzir-se ao anúncio ético-político, deixando escapar o espírito profético. Por quê?

Bianchi: Para mim, este é o grande perigo. O fato de que expressemos sempre ao mundo palavras de ética e não saibamos fazer ressoar, verdadeiramente, o extraordinário do Evangelho, faz com que a Igreja esteja presente no barco das religiões como uma concorrente entre as outras. Tudo isso deprime a força cristã e faz com que se corra o risco de que o cristianismo seja visto como 'religião civil', como um suplemento de alma para a sociedade no atual momento de crise. Mas isso significa o enfraquecimento do cristianismo e o fim da profecia.

Corriere: O Senhor escreve que a profecia mais radical do cristianismo é que a “palavra de Deus pode chamar os mortos à vida”. Esta verdade é obscurecida?

Bianchi: A verdadeira pergunta, que as pessoas se colocam com maior intensidade, é: 'Que coisa posso esperar?' A Igreja deveria ter a capacidade de pronunciar a palavra da "Ressurreição", que existe uma possibilidade de vida eterna para as pessoas, uma vida que começa aqui e agora. Em vista desta plenitude futura, há já uma contribuição que podemos dar por meio da liberdade, da justiça e da paz. Se isso permanece nas sombras é porque a fé está escassa, também dentro da Igreja.

Corriere: Uma das características salientes do novo momento do cristianismo é o diálogo ecumênico que, muitas vezes, se expressa nos discursos sobre a paz, a fome no mundo e assim por diante. Mas o Senhor vai muito além: convida a 'reconhecer a intervenção divina nas religiões dos outros'...

Bianchi: Há duas coisas que o cristianismo deve recuperar: a primeira é que a nossa fé afirma que todo ser humano é a imagem e semelhança de Deus, que cada um tem o dom do Espírito Santo. Isso significa que, em cada pessoa humana, de qualquer cultura ou religião, habita o Espírito Santo e que, conseqüentemente, a sua busca de Deus é, de qualquer modo, acompanhada pelo Espírito. Nele, portanto, há verdades, há uma palavra de Deus que permeia as suas Escrituras, aquilo que procurou e encontrou. A segunda coisa é que, tendo em conta que a verdade plena é escatológica (a própria Igreja não possui a verdade, mas é possuída pela Verdade, que é Cristo, para o qual caminha na esperança do seu retorno no fim dos tempos), para que eu encontre mais verdade, necessito do confronto com a verdade dos outros: com a verdade deles, eles ajudam a minha. Não há razão para temer este diálogo. Por exemplo, sem nenhum sincretismo, o budismo pode ser lido por um cristão como uma grande luta antiidolátrica, na qual há uma busca de Deus de uma qualidade e de um refinamento que não estão sempre presentes nos próprios cristãos. Portanto, conhecer o budismo e dialogar com estas realidades pode me conduzir a uma maior aproximação com Deus. É verdade que isso requer maturidade na fé e não diletantismo. Requer a capacidade de vencer o medo, muitas vezes, ainda presente. Medo que provém da tentação hegemônica de tantos, na Igreja, que estão ainda na posição de defesa frente ao mundo, apesar do fim da época constantiniana".

ACONTECE

40 ANOS DA PACEM IN TERRIS

O Centro Loyola de Fé e Cultura, da PUC-Rio, está organizando, em parceria com o Instituto Nacional de Pastoral, da CNBB, com o Departamento de Teologia da PUC-Rio e com o apoio do Instituto Humanitas Unisinos, o seminário **Violência, Justiça e Paz - 40 anos de reflexão eclesial a propósito da Pacem in Terris**, que acontecerá nos dias 8 e 9 de setembro de 2003, no campus da PUC-Rio.

O IHU é parceiro do evento, a convite do Centro Loyola. Os 40 anos da **Pacem in Terris** foram tema de capa do **IHU On-Line** número 53, de 31 de março de 2003.

Confira a seguir a programação completa do seminário:

Dia 8/9

9h – Abertura com Frei Nilo Agostini (Diretor do Departamento de Teologia PUC-Rio), Prof^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer (Diretora Centro Loyola) e D. Dimas Lara Barbosa

9h30min - Conferência: A mensagem profética da **Pacem in Terris** - Frei Carlos Josaphat (Escola Dominicana de Teologia - São Paulo)

11h - Conferência: Mapeamento da paz no mundo - Prof Nilson de Paula (Universidade de Brasília) 14h - Conferência: Violência no Brasil - Luis Eduardo Soares (Secretário Nacional de Segurança)

15h30min - Conferência: Violência e segurança no Rio de Janeiro - Rubem César Fernandes (Viva Rio)

Dia 9/9

9h - Conferência: Ética, globalização e violência - Prof. Paulo Fernando Carneiro Andrade (PUC-Rio)

10h30min - Conferência: Pistas para uma educação sobre a paz - Marcelo Guimarães

14h - Conferência: Elementos bíblico-teológicos para uma reflexão sobre a paz - Maria Clara Bingemer (PUC-Rio) e Manoel Bouzon (PUC-Rio)

15h30min - Painel de Encerramento: Experiências bem sucedidas de construção de paz, com Antônio Rangel (GPAE/Viva Rio); Andréa Mendonça Paiva e Luiz Basílio Cavaliere (Escolas de Perdão e Reconciliação; Centro Loyola); (APAC); Teresa Cavalcanti (Não-violência ativa e firmeza permanente)

DESTAQUES DA SEMANA

Deu nos jornais

Celso Furtado: Nobel de Economia?

No dia 18 de agosto, foi lançada a candidatura de Celso Furtado ao Nobel de Economia, durante o seminário 'Hegemonia e Contra- hegemonia: os Impasses da Globalização e os

Processos de Regionalização' que vem se desenvolvendo no Rio de Janeiro. Celso Furtado e a sua obra é tema de análise do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. A segunda etapa do Ciclo iniciou no dia 14 de agosto.

País vive para pagar juros

Celso Furtado e a atual política econômica

"Com as taxas de juros altíssimas que estão aí, o país vive só para pagar juros", afirmou Celso Furtado, no dia de ontem, quando do lançamento da sua candidatura ao Prêmio Nobel de Economia. Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, 19-8-03. Para Celso Furtado, "os bancos estão ganhando muito dinheiro, alegres". Ainda segundo o jornal "antes da abertura do evento, em entrevista coletiva, Furtado disse que a concentração de renda no Brasil é fruto da política de juros altos e que não esperava que o governo Lula fosse 'tão longe no conservadorismo'".

"Eu não faria essa política"

Celso Furtado e a política do Banco Central

"A política do Banco Central é justa? Eu não faria essa política. Eles que estão adotando essa política têm suas razões, não fazem por traidores, não. Fazem dentro de um espírito de colaboração e pensando nos interesses do povo brasileiro", disse o economista Celso Furtado, segundo a *Folha de S. Paulo*, 19-8-03 e o jornal *Estado de S. Paulo*, 19-8-03. Segundo este último, Celso Furtado, "lembrando que os juros não podem ser muito mais altos do que a elevação da produtividade, ele classificou a manutenção dos juros num nível acima de 20% diante de uma taxa de crescimento de, no máximo, 2%, como 'uma aberração, uma distorção do sistema financeiro, uma tirania'". E, segundo o jornal *Estado de São Paulo*, emendou: "Eu não imaginava que eles iriam tão longe no conservadorismo".

O padrão Globo de qualidade está ameaçado

Esta é a tese de um professor da Unisinos

O nosso colega Valério Cruz Brittos, professor de pós-graduação em comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos é notícia na *Folha de S. Paulo*. O jornal, na coluna de Daniel Castro, comenta as conclusões da tese de doutorado *Capitalismo Contemporâneo - Mercado Brasileiro de Televisão por Assinatura e Expansão Transnacional*, defendida recentemente na Universidade Federal da Bahia por Valério Cruz Brittos. 'Tirando as telenovelas, em todos os demais formatos de programas já é possível fazer algo muito próximo do que realiza a Globo', diz Brittos. Um exemplo: a qualidade técnica de 'Casa dos Artistas', do SBT, semelhante à de 'Big Brother Brasil', da Globo. Brittos afirma que o público está muito menos 'fidelizado'. SBT, Record e, mais recentemente, Band têm tido muita influência. "Apesar do sucesso de *Mulheres Apaixonadas*, esses patamares de audiência [que mantêm a Globo líder] tendem a se reduzir." Segundo o jornal, "a tese analisa ainda a liderança da Globo na TV paga nacional ('chegou atrasada, mas acabou profissionalizando') e a sua influência na TV de Portugal, onde é sócia da líder de audiência (graças às suas telenovelas)".

Vai Chover no Final de Semana?

Editora Unisinos citada na Folha de S. Paulo

A coluna de Clóvis Rossi, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, e que nas segundas-feiras é assinada por Vinicius Torres Freire, no dia 18-8-03, com o título 'O cacique, os juros e a meteorologia', adapta a historinha, segundo o colunista, "de uma divertida e instrutiva introdução à meteorologia escrita pelo grande astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, *Vai chover no final de semana?*, livro editado pela Editora Unisinos". Para o jornalista, "a fábula

lembra a previsão de alta inflação dos bancos, que faz o BC deixar os juros na Lua e dizer que a inflação não foi controlada, o que leva os bancos a prever inflação ainda alta, etc. Mas resta uma dúvida: quem prevê inflação com base na lenha no lombo dos índios, o BC ou o mercado? Os dois?”

Culturas Jovens: nômades num mundo em fluxo

Tema de ampla reportagem do *La Repubblica*

O jornal italiano *La Repubblica*, do dia 19-8-03, publicou uma ampla reportagem intitulada *Novas fronteiras – PC Generation, desaparece a memória*. A mesma temática foi abordada na reportagem de capa do boletim **IHU On-Line** da semana passada. Para o jornal italiano, as *hi tec'* e a nova mídia estão transformando os modos de aprendizagem das novas gerações. O jornal reproduz um artigo da revista *Newsweek* sobre o papel dos jogos eletrônicos e SMS. Segundo o jornal, os jovens são velozes, 'multimidiáticos' mas a cultura é reduzida. “Os jovens estão melhorando na atenção que prestam a muitas coisas que sucedem ao seu redor”, declara Patrícia Greenfiel, diretora do Children's Digital Media Center da Universidade de Georgetown. “Mas o ruim é que o fazem de modo superficial”.

Os jovens e a velocidade

E a síntese?

O jornal italiano *La Repubblica*, em 19-8-03, publicou uma entrevista com a professora Anna Oliverio Ferraris, psicóloga da idade evolutiva. Para ela, a nova mídia induz à velocidade, mas “desestrutura o critério temporal a favor da simultaneidade. Na vida real e na leitura, há um início e um fim, com relações claras de causa e efeito. Nos jogos eletrônicos, não. Nem no web hipertexto. E há uma tendência de confiar totalmente nestas tecnologias, acreditando que elas nunca erram e que trabalham melhor que o nosso cérebro. O perigo é aplicar procedimentos ao invés de fazer articulações e sínteses”. Segundo a professora, “os jovens cada vez têm mais a impressão que sabem tudo. Ouviram algo de Carlos Magno, Hitler, Stalin, mas não sabem fazer articulações temporais. Tudo se perde num passado vasto e indiferenciado. Falta-lhes uma grade de interpretação, que requer empenho. Mas eles se satisfazem com este conhecimento superficial e se sentem mal quando se lhes pede um trabalho aprofundado”.

Harry Potter e a cultura jovem

Reforço do modelo televisivo

“Tecnologias e a nova mídia habitua a tempos rapidíssimos. A minha geração via um filme por semana e pensava longamente sobre ele. A geração dos adolescentes de hoje vê dezenas de *spots* por dia, mas depois não pensa mais sobre eles. O risco é que poderão se tornar menos originais e um tanto quanto alheios a se empenharem em grandes esforços, em leituras que exigem fôlego. Harry Potter, que é um livro volumoso, reforça os modelos televisivos, com uma ação depois da outra, sem deixar ao leitor o espaço – e o esforço – para completar com a própria imaginação o trabalho do escritor”. A opinião é da professora Anna Oliverio Ferraris, psicóloga da idade evolutiva, em entrevista publicada pelo jornal *La Repubblica*. Para uma opinião totalmente divergente, confira a íntegra da instigadora entrevista do antropólogo Massimo Cavenacci, publicada no boletim do IHU da semana passada.

O Conflito das Interpretações

Paul Ricoeur e os seus 90 anos

Paul Ricoeur, filósofo francês, que foi o primeiro que formulou a categoria dos “mestres da suspeita” (Marx, Nietzsche, Freud), e que festeja neste ano 90 anos de idade, é hoje,

juntamente, com Jacques Derrida, o maior filósofo francês vivo. Começou no sulco do existencialismo e da fenomenologia ocupando-se de Marcel e Jaspers, e durante os anos foi elaborando uma teoria da interpretação que põe no centro de tudo a pessoa. Entre suas obras mais notáveis está o livro “O conflito das interpretações” (1969). A suma do seu pensamento é um livro de mais de 800 páginas, intitulado *A memória, a história, o esquecimento*.

A ética é o vocabulário do Ocidente

Uma entrevista de Paul Ricoeur

O jornal italiano *Avvenire*, 3 de julho de 2003, por ocasião da entrega do “Prêmio Internacional Paulo VI” entrevistou Paul Ricoeur. Perguntado sobre qual é a coisa mais importante que gostaria de transmitir aos filhos dos seus alunos, P. Ricoeur respondeu: “Citarei o título de um livro meu: *A crítica e a convicção*. Por convicção, entendo, ao mesmo tempo, uma argumentação e uma motivação da qual não se pode dar conta. Nas minhas convicções, há, certamente, um elemento não somente íntimo e secreto, mas inacessível a mim mesmo”.

O jornal *Estado de S. Paulo*, nos dias 27 de julho e 3 de agosto, respectivamente, publicou uma longa entrevista com Paul Ricoeur (ainda que grafando erradamente o nome do filósofo). O boletim IHU On-Line, celebrando os 90 anos do importante filósofo e fenomenólogo francês, representante da filosofia hermenêutica, publicou um artigo de P. Ricoeur no n. 49, de 24 de fevereiro de 2003. Um dos próximos IHU Idéias abordará o pensamento e a obra de P. Ricoeur.

Dicionário de ética e de filosofia moral

Paul Ricoeur no comitê científico

Paul Ricoeur integrou também o comitê científico do *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*, dirigido por Monique Canto-Sperber, além de colaborar com a redação de vários verbetes. A edição portuguesa desta obra imponente será lançada no mês de setembro pela Editora Unisinos. A obra, em dois volumes, é composta por 112 artigos sobre temas, noções e conceitos, 73 sobre novas questões éticas, 85 sobre filósofos e 53 sobre história da filosofia moral. Mais de 250 conceituados pensadores de várias nacionalidades compõem o corpo de redatores. Entre eles, Paul Ricoeur.

Ética, política e cultura

Coletânea de textos homenageia o professor José Henrique dos Santos

Com o título acima, Ivan Domingues, Paulo Margutti e Rodrigo Duarte, professores do Departamento de Filosofia da UFMG, organizaram, em homenagem ao professor José Henrique dos Santos, o livro publicado pela Editora UFMG. José Henrique dos Santos, filósofo mineiro, foi reitor da UFMG de 1982 a 1986. Segundo a apresentação do livro, assinada pelos organizadores da publicação, para José Henrique dos Santos, “nosso maior desafio está em definir a ética do comportamento político. É preciso definir o que é permitido, assim como o que não o é, e fazer valer as regras do jogo no domínio das disputas partidárias. A reforma política que se faz necessária consiste em estabelecer leis claras e objetivas para regular a vida pública”. Para isso, “é preciso ir além da reprovação subjetiva que se limita à experiência do próprio desgosto, e transformar a capacidade de nos indignarmos em meios de ação”. Hegel define o Estado como “a realidade em ato da liberdade concreta” e é este Estado ético que o neoliberalismo escamoteia. Ele é o reino da liberdade realizada e nunca poderá tornar-se instrumento de vontades alheias ou de interesses particulares sem perder sua identidade ética, baseada na universalidade”.

José Henrique dos Santos

A homenagem de professores da Unisinos

No livro *Ética, política e cultura*, publicado pela Editora UFMG, dois professores da Unisinos contribuem com seus artigos. O artigo *A verdade e o todo* é da autoria de Carlos Cirne-Lima, professor do PPG de Filosofia da Unisinos. O outro artigo é de Marcelo Fernandes de Aquino, professor do PPG de Filosofia e vice-reitor da Unisinos. O título do artigo é: *Ética e política em José Henrique dos Santos*. Ernildo Stein, Javier Herrero, Marilena Chauí, entre outros, também são autores do livro.

André Gunder Frank e a atual política econômica**Mais juros outra e outra vez?**

André Gunder Frank, economista, é um velho conhecido. Ele, aos 74 anos, professor da Northeastern University, nos Estados Unidos, concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, 20-8-03. Ele critica a política econômica do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e disse que os juros altos já acabaram com duas prioridades do governo petista: a reforma agrária e o combate à fome. “Tudo será para pagar aos norte-americanos com dólares”, afirma Gunder Frank, segundo a *Folha de S. Paulo*. “O Brasil já pagou o montante original de sua dívida umas quatro ou cinco vezes. Por que pagar ainda mais juros outra e outra vez? O FMI [Fundo Monetário Internacional], sob o controle do Tesouro americano, nem quer que o Brasil e outros países latino-americanos acabem com sua dívida - porque é ela que permite o controle externo sobre a política interna”, afirma o sociólogo.

Universidade – a hora da reforma**Dicotomia ensino público/particular precisa ser revista**

“Sim, a dicotomia ensino público/ensino particular precisa ser revista. Ambos devem mudar. Universidades há, em outros países, em que seu reconhecido caráter público não representa impedimento - bem ao contrário - para que a instituição se beneficie de financiamentos, ou captação de fundos por meio de atividades diversas, como cursos de férias de alto nível, ateliês, etc. É o caso de Stanford, uma instituição particular. Os modelos das Universidades de Berkeley ou de Salamanca, ambas do Estado, podem inspirar as atuais autoridades educacionais (e previdenciárias), pois indicam que o setor público também se pode beneficiar com recursos gerados por atividades de vária ordem (cursos de férias e de extensão pagos, por exemplo) e por uma parcela - sempre minoritária, vale enfatizar - de alunos-cidadãos pagantes”. A afirmação é de Carlos Guilherme Mota, historiador, professor-titular de História Contemporânea da USP, membro do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi o primeiro diretor do Instituto de Estudos Avançados (USP, gestão Goldemberg) e professor-visitante em várias universidades européias e norte-americanas, no artigo “Universidade - a hora da reforma” publicado dia 20-08-03, no jornal *Estado de S. Paulo*. Vale a pena conferir a íntegra do artigo.

A filantropia**A opinião de um professor da USP**

“Outro tema importante é o da filantropia. Conceito sobre o qual persiste escassa compreensão quanto ao que representa em escolas ditas confessionais, sérias como as PUCs ou a Universidade Presbiteriana Mackenzie. Nestas, a filantropia se traduzia numa ponderável parcela de bolsas para necessitados, que vinham sendo ofertadas com critério e rigor. Condição recentemente retirada ex-abrupto pelo governo federal, que deve ser objeto, espere-se, de exame mais cuidadoso por parte do atuais ministros Buarque, Berzoini e Palocci, porque não se deve mexer no pouco que está dando certo. Vale examinar com maior cuidado

universidades particulares que prestam efetivo serviço público à Nação, a exemplo de congêneres famosas em outros países, como Harvard, Princeton, Stanford. Pois no Brasil ficamos no meio do caminho, com os defeitos de um pseudo-estatismo à francesa, mais as perversões da departamentalização e avaliação à americana e... salários de Terceiro Mundo. Com estímulo do governo e maior aporte de fundos de particulares lúcidos, ainda tímidos no Brasil, poderão elas sonhar em ultrapassar seu modestíssimo desempenho de hoje”. A opinião é de Carlos Guilherme Mota, no artigo acima referido.

A ciência é masculina?

Morre Martha Chase

Os jornais da semana passada noticiaram a morte da pesquisadora Martha Chase, 75, que participou de um experimento crucial sobre o DNA. Ela morreu no dia 8, em Lorain (Ohio, EUA), de pneumonia, segundo a revista eletrônica *The Scientist*. Em 1952, Chase e Alfred D. Hershey confirmaram definitivamente que o DNA, e não outra substância, transmitia as características hereditárias. Hershey ganhou parte do Prêmio Nobel em Medicina de 1969, mas por seu trabalho com vírus.

O tema *A ciência é masculina? É sim, senhora* foi discutido dia 21, quinta-feira, no *IHU Idéias*. O Prof. Dr. Áttico Inácio Chassot, graduado em Química, mestre, doutor e pós-doutor em Educação e professor e pesquisador do PPG em Educação da Unisinos, expôs o tema.

Princípio da precaução

A defesa da Ministra Marina

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, segundo o jornal *Estado de São Paulo*, 22-8-03, referindo-se à questão dos transgênicos, afirmou: “Sem uma certeza sobre os riscos dos transgênicos para a saúde e para o meio ambiente, a moratória é uma necessidade”.

A relação ética e economia é possível?

Uma reflexão a partir de Amartya Sen

“A moderna economia do bem-estar – segundo Amartya Sen, economista indiano, Nobel de Economia – é totalmente precária. Assim como é precário o critério do interesse pessoal a partir do qual se considera que se uma mudança é vantajosa para um igualmente deve ser vantajosa para a sociedade no seu complexo”. Iniciando com esta citação de Amartya Sen, o jornal italiano *Il Manifesto*, 22-8-03, publica um artigo de Adelino Zanini, sobre a possibilidade da articulação economia e ética. Para o autor, sempre partindo da contribuição teórica do economista indiano, “uma ciência econômica distinta da ‘técnica’, que tenha como centro as necessidades humanas como seu fim, não cabe no horizonte do Moderno, no interior do qual a própria teoria econômica como ‘theoria’ tem as suas raízes, pois a economia deixou de ser, verdadeiramente, ‘oiko-nomia’. Depois de Marx e Weber, Heidegger, Arendt e Anderss, esta é uma conclusão, simplesmente, óbvia. Ciência é técnica: o objeto da primeira não é possível de ser distinguida da segunda. Economia é ciência econômica e seu objeto: a ética é inerente e comprimida nesta equação; as dificuldades que enfrenta qualquer programa metaeconômico deriva daqui. Isso não impede que se pense numa relação entre a ética e as ciências naturais e sociais – antes, é propriamente esta a razão pela qual esta relação pode ser pensada. Mas isso implica a necessidade de um exercício de contenção das expectativas e das desilusões”.

Império

Giovanni Arrighi contesta Antonio Negri

“Os Estados Unidos são o maior poder militar da História mundial, mas é também a nação mais devedora da História mundial. O déficit em seu atual balanço de pagamentos em relação ao resto do mundo é de mais de US\$ 1 bilhão por dia. Se por algum motivo esse montante deixar de entrar nos Estados Unidos diariamente (na sua maior parte vindo da Ásia Oriental), a economia americana terá de contrair-se acentuadamente, e isso inclui seus gastos militares. A grande tentação para os EUA, é claro, é usar seu poder militar sem precedentes para transformar esse afluxo de capital em um tributo ‘imperial’. Este, mais do que o império descentralizado de que falam Hardt e Negri, é o império que deve estar sendo tramado”. É com esta afirmação que o sociólogo Giovanni Arrighi, autor de vários livros, entre os quais o importante *O longo século XX* (Rio de Janeiro: Contraponto), comenta a tese central do livro *Império*, de Michael Hardt e Antonio Negri. A opinião foi expressa pelo professor de sociologia na Johns Hopkins University, na entrevista publicada pela revista *Carta Capital*, em 20-8-03.

Frases da semana

“O país tem várias fábricas de carro, mas nenhuma de ruas” – Renato Boareto, diretor de Mobilidade Urbana do Ministério das Cidades - **Correio Braziliense**, 18-8-03.

“O ano de 2003 já está perdido” – José Alencar, vice-presidente da República do Brasil – **O Globo**, 19-8-03.

“Eu não imaginava que eles iriam tão longe no conservadorismo” – Celso Furtado, economista – **Estado de S. Paulo**, 19-8-03.

“Annan: ‘Não nos protegeram’. Da ONU duras críticas a Bush” – manchete principal do jornal italiano **La Repubblica**, 21-8-03.

“A explosão do QG da ONU é mais uma consequência da guerra que a administração Bush não foi capaz de prever, como os saques no pós-guerra, os atrasos no restabelecimento de água e eletricidade, as emboscadas contra soldados americanos e a sabotagem à infra-estrutura” - editorial do **The New York Times** citado na **Folha de S. Paulo**, 21-8-03.

“Em suas mais recentes declarações, insistia na importância da rápida devolução do poder político aos iraquianos, com vistas ao pleno restabelecimento da soberania do país” - Celso Luiz Nunes Amorim, 61, é o Ministro das Relações Exteriores, no artigo *Um brasileiro a serviço da paz*, comentando o atentado que matou Sérgio Vieira de Mello, **Folha de S. Paulo**, 20-8-03.

“Collor disse que seu governo deixaria a esquerda perplexa e a direita indignada. Lula está fazendo o contrário disso, com o complemento de que a direita não está apenas perplexa, mas agradavelmente perplexa. A aprovação chega a ser entusiástica nos meios financeiros” – Otávio Frias de Oliveira, na coluna ‘Direita perplexa’ – **Folha de S. Paulo**, 21-8-03.

“O problema é que a universidade exhibe para a população uma imagem de que serve pouco ao país e à sociedade, mas serve bem à promoção social dos seus alunos” – Cristovam Buarque, Ministro da Educação – **Primeira Leitura**, n.18, agosto de 2003, p. 43.

“Como é que uma cidade com Alcântara – MA -, de onde o país lança foguetes e onde constrói uma plataforma de alta tecnologia para desenvolver o projeto espacial brasileiro, tem 5 mil analfabetos, metade da população adulta do município? Como é que isso pode coexistir?” – Cristovam Buarque, Ministro de Educação – **Primeira Leitura**, n.18, agosto de 2003, p. 43.

“A abolição levou 70 anos entre o debate e a execução. A educação não deve esperar, julgo eu, nem uma década” – Cristovam Buarque, Ministro de Educação – **Primeira Leitura**, n.18, agosto de 2003, p. 41.

Avisos da Coordenação

Simpósio Internacional – Minicursos

No dia 18 de agosto, a coordenação do IHU se reuniu com o Prof. Hans Benno Asseburg, professor do Centro de Ciências Humanas. O tema do encontro foram os minicursos do Simpósio Internacional *O lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, a ser realizado em maior de 2004.

Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade

Na quarta-feira, dia 20 de agosto, a coordenação do IHU, o prof. Dáris Corbellini e Telmo Adams, ambos da Área de Concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, estiveram reunidos para discutir, entre outros assuntos, o Programa de Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários.

Relações de Gênero

A Prof^a. Cleci Favaro, do Centro de Ciências Humanas, e articuladora do Grupo Temático Relações de Gênero do IHU, reuniu-se com a coordenação do Instituto na tarde do dia 20 de agosto. A pauta da reunião foi a realização de uma Jornada, em 2004.

Programação de 2004

No dia 20 de agosto, a coordenação do IHU esteve em reunião com a Prof^a. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas para discutir eventos a serem realizados no ano de 2004. Entre estes, a realização de um evento, por ocasião do 50° ano da morte de Getúlio Vargas, sobre a ‘Era Vargas’, em agosto de 2004.

Direção de Assuntos Comunitários

Na quinta-feira, dia 21 de agosto, aconteceu uma reunião entre a coordenação do IHU e o Prof. Carlos Alberto Cruz, diretor de Assuntos Comunitários, e Adelino Vargas Barbosa, auxiliar de contratos acadêmicos, da Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão. Entre outros assuntos, falou-se a proposta dos gideões de distribuição de bíblias.

A Paixão de S. Mateus de J. S. Bach

No dia 21 de agosto, a coordenação do IHU reuniu-se com a professora Lúcia Passos, coordenadora da Difusão Cultural da Unisinos, para estudar a proposta de debate, análise, estudo e execução da Paixão segundo Mateus, de J.S. Bach, durante a Semana Santa de 2004. Igualmente constou da pauta uma proposta para o Natal de 2003 e a apresentação da peça teatral, com o coro da Unisinos, Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto

dentro da programação do *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*.

Júlio de Castilhos – O centenário no IHU Idéias

Na sexta-feira, dia 22 de agosto, a coordenação do IHU conversou com a Prof^a. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, professora do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, sobre a celebração do centenário de morte de Júlio de Castilhos, em outubro, no IHU Idéias. Também se deu continuidade à possibilidade da realização de um evento por ocasião do 50º aniversário da morte de Getúlio Vargas.

Formação Sindical Metalúrgica

No dia 22 de agosto, a coordenação do IHU reuniu-se com Laricardo de Oliveira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Leopoldo, José Elpídio Machado da Silveira, do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, Paulo Chifolina, metalúrgico da CUT/RS e Docimar Querubin, representante da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM, para debater a possibilidade da realização de um curso de extensão, de 200 horas, visando a formação de lideranças sindicais metalúrgicas do RS. Participou também da reunião a prof^a. Maria Clara Bueno Fischer, do PPG em Educação da Unisinos.

CEPAT Informa nº 100

No dia 23 de agosto, em Curitiba, PR, realizou-se o seminário comemorativo do nº 100 do boletim CEPAT Informa. O boletim é uma publicação do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT. No 9º ano de publicação e por ocasião do nº 100, reuniram-se na sede do CEPAT, entre outros, lideranças sindicais, líderes dos movimentos sociais como o MST, estudiosos do mundo do trabalho. Participaram também o Pe. Guido Kuhn, superior provincial dos jesuítas e o Pe. João Roque Rohr, superior provincial do Brasil. Pelo IHU, participou Inácio Neutzling, coordenador do IHU.

EVENTOS IHU

ABRINDO O LIVRO

Na próxima terça-feira, dia 26 de agosto, das 19h45min às 22 horas, na Sala de Seminários 2 da Biblioteca da Unisinos, acontece a próxima edição do evento **Abrindo o Livro**, com a apresentação e debate do livro **A Vinda de Deus: Escatologia Cristã**, de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 374p. (Coleção *Theologia Publica* 3). Estará à frente do debate o Prof. Dr. Pe. Frei Luiz Carlos Susin, professor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Luiz Carlos Susin é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Autor de diversos livros, dos quais citamos **A criação de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003. **Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria. Ensaio de cristologia narrativa**. São Paulo: Paulinas, 2002.

IHU On-Line conversou com o Frei Susin.

O LUGAR DA ESCATOLOGIA NA EXPERIÊNCIA HUMANA

IHU On-Line- Qual é o aporte fundamental feito por Jürgen Moltmann para compreender o Deus do cristianismo no mundo contemporâneo?

Luiz Carlos Susin- Há uma contribuição mais formal: Moltmann, por sua dramática biografia de guerra e pós-guerra, se tornou convicto de uma forma ecumênica de viver o cristianismo. Ele é um teólogo ecumênico pleno. E há uma contribuição marcante na estrutura formal da teologia: a leitura de toda a teologia a partir do horizonte escatológico das promessas que se apóiam na Palavra de Revelação.

IHU On-Line- Que aspectos destacaria do livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*, importantes para serem debatidos em um ambiente universitário?

Luiz Carlos Susin- Creio que, na Universidade, que passou pelo banho das ciências modernas e traz uma marca muito forte de Iluminismo, de razão crítica e instrumental, é necessário começar um debate sobre as “condições de possibilidade” de que haja realmente escatologia, ou seja, uma introdução que fundamente a seriedade e o lugar da escatologia na experiência humana.

IHU On-Line- Que sentido tem para o mundo de hoje a vinda de Deus e a oração tão repetida na Igreja de “vem, Senhor Jesus”?

Luiz Carlos Susin- A escatologia e a fé cristã não se apóiam em promessas ou horizontes abstratos e impessoais, mas em relações pessoais. Portanto, o nosso futuro é o encontro com “alguém”, não com algo. Mas alguém que nos introduza na mais plena experiência humana e que tenha sentido de superação do humano em Deus. Para os cristãos, esse alguém, que pode ser experimentado um pouco em toda relação humana, tem esse nome e esse rosto bem definido: Jesus.

IHU On-Line- Na matéria de capa da edição 71ª de IHU On-Line, o antropólogo Massimo Canevacci dizia que a reclamação de memória é algo bem conservador. Nesse contexto, como podemos explicar o “Fazer memória” tão próprio da liturgia católica?

Luiz Carlos Susin- O “memorial” da liturgia cristã e a memória com que os profetas interpelam os interlocutores, na Escritura, é de outra ordem. Aqui, o entrevistado reagiu ao conservadorismo dos que colocam no passado a fonte ou o fundamento da vida presente. Nesse sentido, mas somente nesse, têm toda razão. Na Escritura e na Liturgia cristã, o que importa é a Promessa, portanto o futuro. É à luz do futuro que o passado e a memória ganham importância. Em certas circunstâncias demasiado traumáticas, esquecer também é importante, como em Isaías 43: “Não vos lembreis mais das coisas antigas, pois eis que faço novas todas as coisas”. Mas normal é assumir a inteireza da história, inclusive fazendo justiça aos antepassados, aos nossos mortos, recolhendo sua memória e suas esperanças, sempre sob a luz do horizonte de futuro. Não é o presente o tempo da criatividade, mas o futuro, ou seja, o sonho, a promessa, a utopia, o desejo. Tudo isso tem a ver com o primado do futuro.

IHU On-Line- O que a sociedade pode esperar do cristianismo?

Luiz Carlos Susin- Pode-se conjecturar muitas coisas, mas especificamente em relação à esperança no futuro, o cristianismo tem recursos para manter até ao martírio os sonhos de um mundo justo, reconciliado, com respeito às diferenças e aos mistérios que ninguém, em religião ou ciência nenhuma, abarca. Portanto, a sociedade pode esperar uma contribuição para a paz. Mas o cristianismo tem história e é vivido por pessoas de carne, o que significa que sofre condicionamentos e comprometimentos históricos. De certa forma, os cristãos, como todo ser humano, também precisam de ajuda para viver sob a luz e a inspiração de um futuro diferente, mais próximo do sonho e do desejo.

IHU On-Line- O que a universidade pode esperar da teologia e o que a teologia pode esperar da universidade?

Luiz Carlos Susin- Na história da universidade moderna, que começa na Europa, há uma relação de amor e ódio com a teologia, com posturas desequilibradas de ambas as partes, segundo diferentes épocas. Hoje entramos todos em posturas mais humildes, necessitados urgentemente de interdisciplinaridade não só entre ciências mas entre saberes. Nesse sentido, ninguém pode pretender nem renegar e nem sujeitar outros saberes. Estamos num tempo em que pluralismo e diálogo são palavras de ordem, são um modo e um programa que dizem bem o que seja uma universidade. E para isso, da parte da teologia, é importante que ela saiba se dirigir aos outros saberes como seus interlocutores preferenciais, e não propriamente a instituição eclesial. A tradição eclesial é recurso, é um apoio necessário, mas não é o interlocutor com quem a teologia deve fechar círculo auto-satisfazendo-se. É o que pretendem as teologias públicas, como veio sendo a Teologia da Libertação, as teologias feministas, as teologias interativas, que partem de um diálogo de religiões e de teologias derivadas dessas religiões, e outras mais.

IHU IDÉIAS

O Prof. Dr. Attico Chassot, no último ***IHU Idéias***, dia 21 de agosto, falou sobre a predominância masculina na ciência sem ser machista. A partir do tema *A Ciência é masculina? É sim, senhora*, o professor fez uma retrospectiva histórica, constatando que os homens aparecem mais na ciência do que as mulheres. A explicação foi dada com base na tripla ancestralidade do ser humano: a grega, a judaica e a cristã. Chassot também aludiu à tradição indígena e islâmica para justificar o porquê de, ainda hoje, existirem desigualdades entre homens e mulheres.

Ecoss do Evento

“Achei a explanação muito boa. Interesse-me pelo estudo das estruturas de poder. Foucault aborda muito bem isso e estou lendo um livro dele chamado ***Microfísica do poder***. Achei interessante analisar na história, a forma como as mulheres eram excluídas. Era uma maneira de manter a hegemonia, privando o acesso das mulheres, para que elas não pudessem questionar a autoridade masculina”.

Marcelo Teodoro de Assis, aluno do curso de Direito da Unisinos.

“Eu esperava outra abordagem quando li o título da palestra. Pensei que seria tratado o aspecto da Ciência do ponto de vista das cientistas feministas, da epistemologia, do questionamento do método e da postura sob a ótica da questão de gênero. Mas a explanação foi bem ampla, e achei interessante a análise de como a humanidade elaborou esses conceitos, numa época em que estamos vivendo uma mudança de paradigmas”.

Profª. MS Matilde Cechin, professora do Centro de Ciências Humanas.

IGREJA UNIVERSAL E MERCADO RELIGIOSO BRASILEIRO

Na próxima quinta-feira, dia 28 de agosto, na sala 1C103, das 17h30min às 19h, o tema a ser discutido no ***IHU Idéias*** é *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica*. O Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut, professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUC/RS, é o responsável pela condução do debate. Jungblut é mestre e doutor em Antropologia Social,

com tese intitulada *Nos chats do Senhor: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro*.

Confira a seguir a entrevista concedida pelo professor a *IHU On-Line*.

RELIGIÃO E LÓGICA DE MERCADO

Entrevista com Airton Luiz Jungblut

***IHU On-Line-* Que aspectos o Sr. vai destacar na sua apresentação a respeito da Igreja Universal do Reino de Deus?**

Airton Luiz Jungblut- A Igreja Universal do Reino de Deus é um grupo religioso bastante importante para pensar no fenômeno do surgimento, no Brasil, da disputa da fé segundo uma lógica de mercado. Trata-se de um fenômeno novo, das últimas 3 ou 4 décadas. Antes havia uma hegemonia católica, não havia essa disputa nos modos em que se institui a partir do neopentecostalismo. Movimento este que inaugura um jogo aberto de disputa entre esses grupos e outros, que por imitação ou dando resposta, se valem de estratégias de marketing para manter ou aumentar o número de fiéis.

***IHU On-Line-* De que forma acontece essa influência em todos os grupos religiosos?**

Airton Luiz Jungblut- Além da lógica de mercado, o neopentecostalismo caracteriza-se pela busca de uma experiência mais emocionante de fé, uma proposta mais “quente”. Como alguns indivíduos querem isso, mas não querem romper com sua tradição religiosa, introduzem essas características e surgem novos grupos dentro das Igrejas históricas como é o caso dos carismáticos na Igreja Católica e na Igreja Luterana. Além de ser uma religião mais vibrante, esses grupos fazem promessas que têm uma relação mais explícita com o sobrenatural. O milagre, algo que vinha diminuindo nas igrejas tradicionais, para estes novos grupos se torna algo cotidiano. As pessoas, que não conseguem soluções para seus problemas, numa sociedade em que os serviços do Estado não dão conta, que há uma falência das Instituições sociais, buscam curas sobrenaturais e milagres.

***IHU On-Line-* A que se deve o crescimento especificamente da Igreja Universal?**

Airton Luiz Jungblut- O crescimento desse grupo tem a ver com essa lógica de disputa aberta utilizando, descancaradamente, o marketing. É uma transferência das lógicas do mercado para o campo religioso. Tem a ver com o fato de eles criarem um produto religioso altamente atraente que atende a uma demanda, com forte conteúdo de espetáculo em épocas em que a maioria das Igrejas tradicionais estão se desritualizando. A Igreja Universal promete prosperidade econômica, cura, enquanto outras religiões oferecem muito pouco, e as igrejas mais tradicionais anunciam bastante para um mundo pós-morte. Para ela, as promessas são para hoje, o Paraíso é aqui e agora.

***IHU On-Line-* Como é o perfil das pessoas que participam?**

Airton Luiz Jungblut- A maioria das pessoas são de classes populares que vão atrás dessas promessas. A Igreja Universal é uma Igreja de pobres, de aflitos, embora também haja pessoas de classe média. Existem alguns grupos neopentecostais que atraem segmentos mais pobres ainda, como é o caso da Igreja *Deus é Amor*. Estes são mais resignados com a pobreza. A Igreja Universal atrai pessoas que não se satisfazem com seu estado. As pessoas entram e saem, embora haja um grupo que permaneça, porque ela promete resultados muito rápidos que, obviamente, quase nunca acontecem. Aí eles migram para outras igrejas pentecostais. A Igreja Universal é o portal de entrada para quem adere à modalidade neopentecostal. A maior

parte dos freqüentadores poderia ser considerada mais clientes do que fiéis. A Igreja oferece serviços. É parte do marketing um discurso altamente desqualificador das concorrentes: as outras religiões, sejam elas tradicionais, afro-brasileiras, etc, são “do demônio”.

IHU On-Line- Foram os freqüentadores da Igreja que lhe deram este poderio econômico?

Airton Luiz Jungblut- Ela se institui como empresa de fé. Seu crescimento econômico deve-se às coletas do dízimo e das ofertas. Só pode merecer um milagre quem demonstra a fé de modo radical. Significa que se você, estando pobre, desafia toda lógica e aposta seus tostões com Deus, será recompensado. Eles dizem sempre “faça uma aposta com Deus”. Essa é a forma de demonstrar a fé que proporcionou à Igreja um enriquecimento fantástico, permitindo-lhe comprar a Rede Record de televisão, entre outras coisas. Há pessoas que, mesmo ganhando um salário mínimo, além de pagar o dízimo, fazem ofertas para merecer o milagre.

IHU On-Line- Por que a importância de refletir sobre este assunto em um meio universitário?

Airton Luiz Jungblut- A religião voltou após um tempo de declínio. Tinha se anunciado o fim da era do mágico e do religioso. Muitos acreditaram que, com a evolução da ciência, isso tudo iria desaparecendo, mas a religião volta de todas as formas não só através do neopentecostalismo. Também através de outros movimentos religiosos como a *New Age*, através do mercado editorial, ou buscando soluções religiosas como os empresários que pedem a elaboração do mapa astral. Nesse contexto, entender um dos grupos mais paradigmáticos para entender essa revitalização da religiosidade brasileira é importante para entender um fenômeno mais amplo: o próprio valor da razão iluminista.

Confira a programação do ***IHU Idéias*** no mês de setembro:

04/09/03 – “*Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho*” – Profª. Drª. Márcia Lopes Duarte, professora na Unisinos

11/09/03 – “*11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*” – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUC/RS

18/09/03 – “*Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*”- Profª. Drª. Márcia Tiburi - Professora na Unisinos

25/09/03 – “*A domesticação do exótico*” – Profª. Drª. Paula Caleffi, professora na Unisinos

O *IHU Idéias* é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras. A partir do mês de setembro, as sessões serão realizadas sempre na sala 1G119, junto ao IHU, das 17h30min às 19h. Ao final da explanação, são servidas bebidas: chocolate quente, café e água.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

A próxima etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil será no dia 11 de setembro, com o debate do livro ***Formação do Brasil Contemporâneo***, de Celso Furtado. O Prof. Dr. André Moreira Cunha, da UFRGS, está à frente do debate. Aos participantes, atenção: a sala mudou. A partir do dia 11 de setembro, o evento será realizado na sala 1G119, junto ao IHU, das 14h às 17h. A entrada pode ser pela recepção do IHU.

IHU REPÓRTER

ELY LAUREANO PAIVA



Ely Laureano Paiva é coordenador do PPG em Administração e professor do Centro de Ciências Econômicas. Natural de São Gabriel, Ely viveu sua infância e adolescência parte no Rio Grande do Sul, parte no Rio de Janeiro. Filho de militar e dona de casa, reconhece nessas experiências um aprendizado em saber se adaptar constantemente a diferentes contextos.

Infância- A questão das mudanças se, por um lado abria novos horizontes e me ensinava a ter uma rápida adaptação nas mais diversas circunstâncias, por outro lado pagava um preço: a distância e as mudanças nos círculos de amizade e em outros vínculos como colégio e família.

Formação- Quando eu ingressei na Universidade, nos estabilizamos em Porto Alegre. Fiz toda minha formação na UFRGS, onde cursei Engenharia Mecânica. Gostava da engenharia por aspectos mais relacionados à gestão do que pela questão técnica. Por este motivo, no meio do curso, comecei a fazer também Administração e posteriormente o Mestrado e Doutorado na mesma área. O mestrado foi um divisor de águas, foi ali que decidi dedicar-me à área acadêmica. Nesses anos, um bom ambiente de pesquisa começou a ser sedimentado no Brasil e me identifiquei fortemente com a questão de ensino e pesquisa. Uma parte do doutorado foi cursado na Universidade da Carolina do Norte (EUA). Isso foi muito bom para mim pela possibilidade de estabelecer redes de pesquisas com diversos pesquisadores de fora que até hoje tenho mantido.

Autores- Érico Veríssimo e Gabriel García Márquez.

Livros- Cem anos de solidão, de García Márquez e, na minha área, uma série de livros que expressam a evolução da Administração nos últimos anos. São os livros de Douglas McGregor, Chester Barnard e Herbert Simon.

Filme- Como diretor aprecio especialmente Stanley Kubrick e mais recentemente, gostei do filme *Uma mente brilhante*, de Ron Howard, porque retrata o ambiente universitário com seus desafios e dificuldades.

Família- Sou casado há 13 anos com Rejane, temos duas filhas: Eduarda (4) e Daniela (2). Minha família é o centro da minha vida, é a razão de minha existência, tudo gira em torno dela.

Um grande sonho- Tenho conseguido realizar meus grandes sonhos. Talvez uma nova experiência fora do país, mas desta vez com toda a família. Em parte, tive essa experiência na minha infância. O contato com outras culturas é muito enriquecedor.

Uma grande paixão- Minha família é uma paixão incontestável. Também a pesquisa com inserção internacional me incentiva muito.

Unisinos- Tem me proporcionado a concretização de meus anseios profissionais: o ensino e a pesquisa. Temos um PPG que tem sido reconhecido nacionalmente pela quantidade e qualidade de sua produção científica. Estou cercado de bons profissionais. É uma Instituição reconhecida pela sua seriedade. Para nós é desafiadora, porque sempre nos apresenta novas metas.

IHU- Embora, não tenho tanta informação, acompanho semanalmente o *IHU On-Line*. Neste, há uma forte preocupação com a dimensão humana ligada ao ensino e pesquisa e o contexto que estamos inseridos. Deste modo, entendo como um de seus objetivos é fomentar um ambiente universitário mais centrado em valores humanistas, levando cada um a refletir como poderia se integrar dentro de tal visão de mundo.

MEU CLÁSSICO

Abrindo o leque dos autores de influência em sua caminhada acadêmica, a Prof^a. Dr^a. Maria Eduarda Giering é a entrevistada da editoria Meu Clássico. Maria Eduarda é doutora em Lingüística e Letras, mestre em Teoria Literária, e coordenadora do PPG em Lingüística Aplicada, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos.

Qual é o autor que mais influenciou a sua formação intelectual?

Teun A. van Dijk foi certamente o autor que mais influenciou minha formação acadêmica. Quando terminei Letras em 1983, fui cursar uma especialização na PUC-RS, onde fui apresentada aos estudos de van Dijk sobre a organização textual. Era algo absolutamente novo no Brasil e vinha ao encontro de meu desejo de estudar além do limite tão radicalmente estreito da frase. Ele abriu muitas perspectivas. Para van Dijk, “se o uso da língua, a comunicação e a interação se produzem sobretudo sob a forma de textos, é oportuno analisar sistematicamente diferentes tipos de textos, estruturas textuais e suas diferentes condições, funções e efeitos em uma ciência de texto interdisciplinar.” (*La ciencia del texto*, 1983). Van Dijk é pioneiro em pensar a abordagem do objeto texto sob essa perspectiva interdisciplinar: a lingüística e também a poética, a retórica, a estilística, a literatura, a psicologia, a psicologia social, a jurisprudência, a tecnologia, a comunicação, entre outros estudam o texto, sob diferentes pontos de vista, afirma ele. Van Dijk propõe, assim, o desenvolvimento de uma “ciência do texto”, constituída como disciplina transversal e plural. Li e estudei vorazmente tudo que van Dijk escreveu na época. Foram mais marcantes as suas conferências (*Estructuras y funciones del discurso*; 1980), obra em que introduz noções como a de superestrutura textual vista como esquema cognitivo que encerraria os elementos essenciais da caracterização de um texto e que teria função relevante no processamento da linguagem e na organização da memória; os artigos escritos com W. Kintsch, em que van Dijk dialoga sobre o papel da memória e sua relação com a gramática narrativa; as obras *Texto y Contexto* (1980) e *Ciencia del texto* (1989), nas quais o autor propõe uma ampliação dos estudos sobre texto, incluindo o discurso. A pesquisa que desenvolvo atualmente junto ao PPG em Lingüística Aplicada *Organização Retórica de Textos de Opinião – O.R.T.O.* dialoga com os estudos de van Dijk. Ele não perdeu sua atualidade, pelo contrário.

Atualmente, muitos pesquisadores têm retomado van Dijk, desta vez avançando em relação às questões cognitivas inseridas em seus estudos.

Qual o autor que mais responde às suas inquietações atuais?

Refletindo sobre essa pergunta, concluo que Mikhail Bahktin é o autor que atualmente vem ao encontro de muitas de minhas inquietações como lingüista discursivo. Bahktin é um pesquisador russo cujas publicações (assinadas com o nome Volochínov) datam de 1929-30. Somente a partir da década de 60 passou a ser relativamente conhecido no Ocidente. Seus estudos sobre a linguagem e a introdução da noção de dialogismo, de polifonia, de gênero discursivo, entre outras, influenciam atualmente diversas áreas de estudo. Diz Bahktin: “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (1981). Mikhail Bahktin propõe a base teórica para se pensar a diversidade e a complexidade do homem contemporâneo num mundo em permanente transformação. As obras de Bahktin que releio freqüentemente são *Estética da Criação Verbal* (1992, edição publicada pela Martins Fontes) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1981, edição publicada pela Hucitec). Sugiro a leitura da obra *Ciências Humanas e Pesquisa* (Cortez, 2003), uma coletânea de textos de diferentes autores embasados em leituras de Mikhail Bahktin.

Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção?

Estou na fase das releituras. Releio atualmente a obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, minha autora predileta. Contatei com o livro *Zen e a poética auto-reflexiva de Clarice Lispector*, de Igor Rossoni, publicada pela Editora UNESP, e resolvi reler *Água Viva* sob a perspectiva da filosofia zen. Esse livro de Clarice sempre me inquietou e sempre achei que me faltava alguma coisa para compreender o que ela queria dizer como, por exemplo, “Quero escrever-te como quem aprende. Fotografo cada instante. Aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra. Não quero perguntar por quê, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim.”. Ou mais ainda: “Será que isso que estou te escrevendo é atrás do pensamento? Raciocínio é que não é. Quem for capaz de parar de raciocinar – o que é terrivelmente difícil – que me acompanhe”. Acho que hoje, finalmente, compreendi Clarice. Será mesmo?

Sala de Leitura



“Li recentemente *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. O livro fala sobre a experiência da pessoa, comparando o mar à vida, como um todo. O interessante na obra é o sentido profundo da abordagem da convivência das pessoas, quando o autor fala da navegação, do convívio das pessoas no navio, exigindo um espírito de solidariedade e fraternidade muito forte para se manter num ambiente pequeno de sobrevivência. Tudo isso é sempre aplicado à nossa vida. Em setembro do ano passado, a obra completou 50 anos de sua primeira edição, publicada pela Revista Life, em 1952”.

Albano Backes, doutor em Ciências (Ecologia Vegetal) e professor do Centro de Ciências da Saúde.



“Estou lendo atualmente o livro *Art and memory in world cultures: The Museum of the mind* (Arte e memória nas culturas do mundo: o museu da mente), de John Mack. Londres: British Museum Press, 2003. Seu autor é o responsável pela seção de Etnografia do museu Britânico e professor de Antropologia da University College de Londres. A publicação do estudo acompanha uma das exposições organizadas pelo importante museu inglês como parte das comemorações de seus 250 anos de fundação e inclui ilustrações de obras que integram a exposição. No livro, o autor discute a idéia de museu como “teatro da memória”, examina as relações entre a produção da arte e dos objetos e a produção da memória, analisando esta como profundamente implicada em questões de identidade”.

Prof.ª. Dr.ª. Gelsa Knijnik , doutora em Educação e professora do PPG de Educação da Unisinos.



“No momento, leio *O jornalismo dos anos 90*, de Luís Nassif. São Paulo: Futura, 2003. O autor é articulista da *Folha de S. Paulo*. Trata-se de uma saborosa coletânea de artigos em que o autor comenta o comportamento da imprensa em relação a vários episódios que marcaram a última década do século XX. Não se trata de um trabalho acadêmico, mas de grande pertinência para quem se ocupa com questões de mídia em geral. Nassif, falando de dentro da mídia, não a poupa das suas responsabilidades, antes pelo contrário: faz observações prodigiosas e contundentes sobre os rumos do jornalismo brasileiro”.

Prof. Dr. Ronaldo Henn, doutor e mestre em Comunicação e Semiótica, e professor do Centro de Ciências da Comunicação.

Cartas do Leitor

Prezados amigos,

Estou no outro extremo do Brasil, em Natal/RN. Acessei a página do *IHU On-line* e, realmente, está muito boa. Ganharam um freqüentador assíduo.
Parabéns pelo trabalho.

Abraços.
Haroldo Gomes, mestrando em História na UFRN.

Prezados:

Agradeço os Cadernos IHU Idéias do Instituto Humanitas Unisinos. A Unisinos cada vez se expande mais em quantidade e qualidade.

Um abraço,
Aloysio Penna, SJ
Arcebispo da Arquidiocese de Botucatu – São Paulo

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Prof^a MS Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: lhuinfo@poa.unisinos.br Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS